

João Batista e o Ministério De Jesus

O “PRINCÍPIO DO EVANGELHO” (1:1–3)¹

¹Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.

**²Conforme está escrito na profecia de Isaías:
Eis aí envio diante da tua face o meu mensa-
geiro, o qual preparará o teu caminho;**

³voz do que clama no deserto:

**Preparai o caminho do Senhor, endireitai as
suas veredas.**

Versículos 1 a 3. A palavra **princípio** (ἀρχή, *archē*) parece ser um termo técnico para a primeira fase do ministério de Jesus. O termo é usado da mesma maneira em Lucas 1:2. A palavra traduzida por **evangelho** (εὐαγγέλιον, *euangelion*) significava literalmente “boa notícia” ou “boas novas”.

**Eis aí envio diante da tua face o meu mensa-
geiro, o qual preparará o teu caminho.** Considerando que era necessário se fazer um prelúdio à pregação de Jesus, Marcos começou sua exposição da narrativa divina com a pregação de João, o “mensageiro”. Não surpreende o fato de Marcos começar falando de João, pois o trabalho desse profeta constituiu de fato o princípio do ministério de Jesus. O papel de João como arauto, a preparar o caminho para **Jesus Cristo, Filho de Deus**, foi tão importante que foi predito nas profecias (Isaías 40:3–5; Malaquias 3:1; 4:5, 6). Os judeus costumavam citar vários profetas, o principal deles nominalmente e os demais, sem citar seus nomes, considerando-os iguais ao profeta principal, como fez Marcos aqui: **Conforme está escrito na profecia de Isaías.**

¹ Os relatos paralelos estão em Mateus 3:3 e Lucas 3:4–6.

João era a **voz do que clama no deserto**. Os judeus admitiam que a voz de Deus já estava em silêncio por cerca de quatrocentos anos e ansiavam por ouvi-la novamente. A terra da Palestina quase entrou em polvorosa ao ouvir João pregar, pois sentiam que um profeta fora enviado mais uma vez a Israel.

Este texto contém uma dica para se interpretar as Escrituras. Marcos usou uma figura de linguagem que, de outra forma, seria estranha para o mundo ocidental, mas é bem conhecida onde quer que a Palavra seja levada. Algumas expressões nas Escrituras devem ser entendidas no sentido figurado. Isso se aplica à profecia a respeito de João. Literalmente, a profecia o retratou como um construtor de estradas, mas a descrição deve ser entendida metaforicamente: Ele estava vindo para **preparar o caminho do Senhor**, deixar pronto o caminho para o ministério de Cristo. “Caminho” (ὁδός, *hodos*) significa algo como uma “estrada” ou uma rua plana. João **endireitaria os seus caminhos**.

O BATISMO DE JOÃO PARA REMISSÃO DE PECADOS (1:4, 5)²

⁴Apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados. ⁵Saíam a ter com ele toda a província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém; e, confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão.

Versículo 4. O título desse profeta é único: ele é chamado de **Batista**. “Batista” (βαπτίζων, *baptizōn*)

² Os relatos paralelos estão em Mateus 3:1, 2, 5, 6 e Lucas 3:3.

significa simplesmente “aquele que imerge/mergulha”. O texto apresenta-o como “o Batista” (grifo meu). João era único. Aparentemente, ninguém antes dele exigiu imersão a quem quisesse fazer parte da família de Deus³. R. C. Foster escreveu:

O fato de João ser apelidado de “o Batista” ou “o Batizador” é uma evidência clara de que havia algo novo e sensacional em seu ministério, que o diferenciava de todos que o rodeavam ou que o antecederam. Não há nada igual ou semelhante ao batismo no Antigo Testamento. Nas purificações cerimoniais, ordenava-se ao judeu que ele mergulhasse na água, mas isso era totalmente diferente de uma pessoa batizar outra e de Deus fazer disso uma experiência solene e espiritual, de entrega a Deus, na qual se concede o perdão dos pecados.⁴

Ao exigir total obediência dos judeus, João efetivamente “excomungou toda a nação [judaica]”⁵ até que alguns fossem batizados por ele. Essa exigência era um insulto ao orgulho nacional. Muitos judeus defendiam que a circuncisão, por si só, era suficiente para salvar, já que era o sinal de filiação dos israelitas dado por Deus a Abraão.

Persiste um questionamento sobre os rabinos judeus exigirem ou não a imersão de prosélitos gentios no primeiro século, juntamente com a circuncisão dos homens. A exigência da imersão anunciada por João certamente significava para os judeus que eles tinham de obedecer a esse mandamento para alcançarem a justiça. Foster argumentou vigorosamente que o “batismo prosélito” dos convertidos ao judaísmo só entrou em vigor “num período muito posterior” (possivelmente só no terceiro século). Ele sustentou que esse batismo era apenas uma “imitação do batismo cristão” e uma ordenança inteiramente nova para a prática judaica⁶.

João foi o único a quem Deus enviou para iniciar a imersão entre os judeus. Eles acreditavam que eram os únicos justos no mundo até ouvirem a pregação de João. João estava **pregando batismo** [βάπτισμα, *baptisma*] **de arrependimento** [μετάνοια, *metanoia*], o que significa que a pessoa a ser batizada devia arrepender-se. Quando alguns

de seus ouvintes lhe perguntavam o que fazer para se arrependerem, ele lhes explicava os passos específicos a serem dados. Ele até destacou os fariseus e saduceus, anunciando a condenação deles se fossem até ele sem arrependimento (veja Mateus 3:7, 8). João desenhou com largas pinceladas os mandamentos que deveriam ser cumpridos por todos dentre a multidão que o ouvia (Lucas 3:7–14).

Uma das principais funções da pregação de João foi preparar os judeus para um julgamento (veja Mateus 3:8–10). Isso exigia arrependimento e batismo. Esse batismo de João, como o da Grande Comissão, era **para remissão** [perdão] **de pecados**. Uma expressão idêntica se encontra em Mateus 26:28, onde Jesus disse que derramou Seu sangue “para remissão de pecados”. O sentido da preposição “para” é de finalidade, e não “causa”, como supõe certa corrente de interpretação. Marcos 1:4 e Lucas 3:3 são passagens paralelas à expressão usada em Atos 2:38, e ambos os versículos mostram que “para” (εἰς, *eis*) refere-se ao que a ação realiza, não podendo significar a “causa” da ação recebida. Jesus não morreu “por causa” da remissão de pecados, mas “para”, “a fim de”, prover a remissão de pecados.

A palavra grega para “remissão”, ἄφεσις (*afesis*), é traduzida por “remissão” na ARA e “perdão”, na NVI. “Perdão” é um termo facilmente compreendido, mas “remissão” vai além e implica que Deus praticamente “lança fora” as nossas transgressões no momento do batismo.

Versículo 5. Saíam a ter com ele toda a província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém; e, confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão. Na época em que João apareceu pregando, predominava a esperança de que o Messias logo viria (evidentemente devido às profecias de Daniel 2:44 e 45 e 7:13, 14). A ordem para se batizarem se sobrepunha a todas as outras considerações. Apesar de João exigir arrependimento verdadeiro para receberem o seu batismo, a disposição dos ouvintes em aceitar essa ordem mostrava que muitos judeus não estavam se valendo somente do judaísmo para alcançarem a salvação eterna. Acreditaram que João era “profeta” (Lucas 7:26) e reconheceram que a voz de Deus estava falando com eles através dele. Na perspectiva desses judeus, aquele era o início da fase mais importante da história judaica. Os fariseus presunçosos e os intérpretes da lei egoístas estavam aparentemente entre os judeus que se recusaram a ser imersos por

³ William Barclay, *The Mind of Jesus*. Nova York: Harper & Row, 1961, p. 24.

⁴ R. C. Foster, *Studies in the Life of Christ*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, p. 306.

⁵ Alfred Plummer, *An Exegetical Commentary on the Gospel According to S. Matthew*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1910, p. 21.

⁶ Foster, pp. 300, 304–5.

João (Lucas 7:29, 30).

A expressão **“no rio Jordão”** deve ser suficiente para ilustrar o significado fundamental do batismo. As pinturas do Romantismo que mostram João e Jesus em pé, com a água à altura dos tornozelos, e João derramando água sobre a cabeça de Jesus, não estão em harmonia com nenhuma das descrições bíblicas desse ato. A palavra grega *ên* (*en*) tem o mesmo significado que a nossa preposição “em”⁷.

Em sinal de arrependimento no batismo, as pessoas **confess[avam] os seus pecados**. Todo o ministério de João visou preparar o povo para a vinda de Jesus. O batismo de João foi uma preparação para a entrada no reino de Deus. O método de João envolveu um chamado severo e determinado para se prepararem, em humilde arrependimento a Deus. Segundo o resumo posterior que Jesus fez da obra de João (Lucas 16:16), grandes multidões de judeus estavam ansiosamente procurando entrar no que julgavam ser o reino, obedecendo aos sermões de João. Ao exigir arrependimento, João estava fazendo tudo o que podia para levá-los ao estado de espírito correto para, daí, fazerem parte do reino e seguir o Cristo. João logo reconheceria Jesus como o Messias. Ele até teve a ousadia de confrontar Herodes, o tetrarca, sobre seu pecado de adultério (Mateus 14:3, 4; Marcos 6:17, 18) – o que fez com que Herodes (um judeu) o rejeitasse e consentisse em sua execução.

O batismo de João restringiu-se a um período específico. As pessoas citadas em Atos 19:1–6 tinham sido batizadas “no batismo de João” por alguém que não era João – e muito depois desse batismo perder a validade. Provavelmente foram batizados por Apolo (veja Atos 18:24–28). Esse evangelista eloquente, depois de ser batizado por João, passou a batizar outros com a imersão de João. Ele pode ter pensado que, como João estava morto, outros precisavam seguir seus passos. Mais tarde, Priscila e Áquila corrigiram seu ensino e sua prática. A menção do ensino de Apolo em Atos 18 é um prefácio à história do “rebatismo” de alguns em Éfeso, em Atos 19. Quando Paulo descobriu que só haviam recebido o batismo de João, batizou-os em nome de Jesus.

O batismo de João se diferenciava do batismo

de Jesus, ordenado na Grande Comissão, em dois aspectos: o de João não era em nome de Jesus, nem era para receber o “dom do Espírito Santo” (veja Atos 2:38). “O batismo de João” – que só ele administrou – era um batismo de arrependimento que preparava o povo para receber a Cristo quando Ele viesse. O mandamento de Cristo para que Seus apóstolos (Mateus 28:18–20) imergissem quem cresse na mensagem deles se estendia a todos os crentes, como é evidenciado por Filipe, um diácono ou evangelista cujos ensinamentos resultaram na imersão de muitos samaritanos (Atos 8:12).

“AQUELE QUE É MAIS PODEROSO DO QUE EU” (1:6–8)⁸

⁶As vestes de João eram feitas de pelos de camelo; ele trazia um cinto de couro e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre.

⁷E pregava, dizendo: Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, desatar-lhe as correias das sandálias. ⁸Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo.

Versículos 6 e 7. Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu. João nunca deu a impressão de ser alguém mais do que um precursor dAquele que era muito mais importante do que ele. Naquele tempo, um aluno devia tudo ao seu mestre, exceto permitir ser tratado como escravo; ele não poderia ser forçado a desamarrar e tirar o calçado do seu mestre. João alegou não ser **digno de curv[ar-se]** e **desatar as correias das sandálias** de Jesus.

O testemunho de João sobre si mesmo quase contradiz o de Jesus sobre ele, pois Jesus disse que João era “muito mais que profeta” (Mateus 11:9 faz alusão a Malaquias 3:1). Jesus completou a declaração de Mateus 11:11 com o incrível elogio de que qualquer pessoa no reino seria “maior que” João. Essa verdade só pode ser explicada pelo entendimento de que o reino ainda não havia chegado; João, portanto, ainda não tinha recebido as bênçãos do reino.

Jesus também fez a afirmação de que João era “Elias, que estava para vir” (Mateus 11:14). Ele disse que quem realmente quisesse entender a verdade sobre João conseguiria: “Quem tem ouvidos

⁷No grego, a preposição “en” tem muitos usos, incluindo a forma *εις* (*eis*, “para dentro de”). (*The Analytical Greek Lexicon*. Londres: Samuel Bagster & Sons, 1971, p. 119.)

⁸Relatos paralelos estão em Mateus 3:4, 11 e Lucas 3:16.

[para ouvir], ouça” (Mateus 11:15). As vestes e os hábitos de João mostravam que ele era parecido com Elias – suas roupas eram feitas de **pelo de camelo** e cingidas com **um cinto de couro**. Ele tinha uma dieta simples, que consistia principalmente de **gafanhotos e mel silvestre** (veja 2 Reis 1:18). A identificação de João como Elias tinha uma grande relevância espiritual, mas, para o povo, o significado disso muitas vezes era difícil de discernir e acreditar.

Versículo 8. Marcos contém a promessa essencial aos discípulos sobre o batismo do Espírito. João disse: **Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo**. Mateus acrescentou “e com fogo” (Mateus 3:11). A primeira parte desta promessa só pode apontar para o que aconteceu com os apóstolos no dia de Pentecostes; a segunda parte, de acordo com Mateus 3:12, apontava para o “fogo” do julgamento eterno.

Alguns (apóstolos) receberiam o “batismo do Espírito”, enquanto outros experimentariam o “batismo de fogo” (inferno). O batismo do Espírito Santo em Marcos 1:8 nada tem a ver com o batismo com fogo ou as “línguas de fogo” de Atos 2:1–4, pois essa passagem descreve apenas a manifestação visível do Espírito Santo, que veio em algo como chamas flamejantes caindo sobre cada apóstolo.

João Batista não disse que *todos* que recebessem o batismo do Espírito Santo também receberiam uma imersão em fogo. Tampouco a Bíblia ensina que algum discípulo ou todos os discípulos, inclusive hoje, receberão o batismo do Espírito. O batismo do Espírito Santo foi prometido somente aos apóstolos, e o que ele realizaria seria feito somente pelos apóstolos (veja João 14:26; 16:13; Atos 1:5). O Espírito providenciou inspiração divina para os apóstolos ensinarem toda a verdade e para os autores do Novo Testamento escreverem a mensagem da verdade.

A descida do Espírito Santo sobre a casa de Cornélio (Atos 11:44) foi um evento único. A forma como o Espírito desceu sobre esse grupo evidenciou a proclamação divina de que os gentios teriam, a partir de então, a oportunidade de entrar no reino, tornarem-se cristãos, assim como já acontecia com os judeus. Essa evidência foi dada na forma do falar em línguas. O Espírito Santo desceu sobre esses gentios, mas Ele não concedeu à casa de Cornélio todo o poder e a autoridade que os apóstolos receberam.

Evidentemente, a ocasião singular ocorrida na casa de Cornélio incluiu somente um “dom”, o falar em línguas e não se deu pela imposição de mãos de um apóstolo (Atos 10:44–48). Isso provou que, uma vez que Deus estava dando aos gentios a oportunidade de entrar no reino, Pedro e todos os demais membros da igreja deveriam ajudá-los a aproveitar essa oportunidade.

Os milagres que os apóstolos realizaram deram sustentação ao fato de que a mensagem que anunciavam era a verdade. Os milagres que realizaram confirmaram suas palavras, assim como as obras de Jesus comprovaram a Sua identidade (veja João 20:30, 31; Hebreus 2:3, 4). Os apóstolos fizeram os mesmos sinais e maravilhas que Jesus fez. Paulo poderia realizar todos os “sinais de um verdadeiro apóstolo” de Cristo, assim como os Doze (Atos 2:43; 5:12; 2 Coríntios 12:11, 12).

Paulo citou “um só batismo” em seus sete “uns” (Efésios 4:5; veja 1 Coríntios 12:13). Essa declaração nega a ideia de um contínuo “batismo no Espírito Santo” porque o “um só batismo”, o batismo em água, era o batismo da Grande Comissão, mencionado em todas as conversões registradas em Atos. De fato, o batismo está incluso em todos os relatos que ocupam mais de um versículo para descrever uma conversão, e num texto que fala de uma conversão usando um só versículo (Atos 18:8).

Além disso, o batismo de 1 Coríntios 12:13 só pode ser batismo em água. O sentido dessa passagem é: “Todos creram nas palavras do mesmo Espírito e foram batizados em conformidade com essa fé”. O batismo em água – decorrente da crença na mensagem do evangelho – é o que nos coloca em Cristo (veja Romanos 6:3, 4; Gálatas 3:26, 27). Romanos 6:4 ensina que o indivíduo que recebe o batismo (imersão/sepultamento) é ressuscitado desse batismo para andar em novidade de vida. Não diríamos que aquele que é “batizado no Espírito Santo” é ressuscitado do Espírito Santo. O Espírito permaneceu nos apóstolos e não os abandonou, embora Atos 4:23–31 pareça “reconfirmar” ou “endossar” essa presença do Espírito. Nessa ocasião, oraram pedindo “intrepidez” para pregar; e “ficar cheios do Espírito” deve ter-lhes servido de resposta a essa oração; foi um presente especial para os apóstolos ameaçados de morte⁹.

⁹J. W. McGarvey chamou esse evento de “renovação consciente do poder miraculoso do Espírito Santo, [o qual] deu-lhes a intrepidez pedida em oração, assegurando-lhes que Deus ainda estava com eles”, apesar da ameaça de morte.

O BATISMO DE JESUS (1:9–11)¹⁰

⁹Naqueles dias, veio Jesus de Nazaré da Galileia e por João foi batizado no rio Jordão. ¹⁰Logo ao sair da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como pomba sobre ele. ¹¹Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.

O relato de Marcos sobre o batismo de Jesus é mais sucinto que o de Mateus e Lucas. Marcos estava mais preocupado com os feitos miraculosos de Jesus do que com os detalhes de Sua vida pessoal. O relato informa que Jesus recebeu o Espírito e obteve o testemunho direto da aprovação do Pai¹¹.

Versículo 9. Naqueles dias, veio Jesus de Nazaré da Galileia e por João foi batizado no rio Jordão. Este único ato de humilde obediência aos mandamentos de Seu Pai revela muito sobre a mente de Cristo. Reza uma antiga e duvidosa tradição¹² que a mãe e os irmãos de Jesus O incentivaram a ir até João para ser batizado, a contragosto dEle. Essa ideia parece incorreta à luz de Mateus 3:15, que diz que Ele escolheu ser batizado para “cumprir toda a justiça”. Davi, por inspiração, disse: “Todos os Teus mandamentos são justiça” (Salmos 119:172b). Considerando que Jesus era o Filho de Deus e não cometera pecados para serem perdoados (veja Marcos 1:4; Hebreus 4:15), por que Ele foi até João para ser batizado? Jesus sabia que o batismo de João era um justo mandamento de Deus; por isso, Ele foi até João ávido por cumprir a vontade do Pai sendo batizado por ele.

Jesus também foi batizado para se identificar totalmente conosco? Jesus identificou-se conosco, aparentemente, de muitas maneiras: 1) Ele se juntou a nós em nossa fome e busca pela justiça (veja Mateus 5:6). 2) Ele levou o fardo de nossos pecados sobre Si e simbolicamente confessou nossos pecados quando Ele mesmo não tinha nenhum. 3) Ele nos fez “justiça de Deus” por meio

¹⁰ Os relatos paralelos estão em Mateus 3:13–17; Lucas 3:21, 22; e João 1:31–34.

¹¹ Deus aprovou oralmente o Filho em três ocasiões: no batismo de Jesus (Mateus 3:17; Marcos 1:11; Lucas 3:22), na transfiguração (Mateus 17:5; Marcos 9:7; veja 2 Pedro 1:17, 18) e quando Jesus estava orando em João 12:27–29.

¹² Um livro apócrifo chamado *Evangelho Segundo os Hebreus*, um documento provavelmente escrito por judeus e da perspectiva deles, “é conhecido hoje apenas por meio de citações de escritores cristãos primitivos desde o segundo século” (Foster, pp. 25–26). Essas citações fragmentadas contêm algumas declarações e atos de Cristo estranhos e duvidosos que não estão registrados nos Evangelhos canônicos.

dEle (2 Coríntios 5:20, 21). 4) Ele se dispôs a ser batizado como exemplo para nós, então devemos segui-LO neste simples ato. 5) Como representante da humanidade, Ele foi obediente em tudo. Jesus demonstrou Seu respeito por João como profeta de Deus submetendo-se a essa imersão.

Versículo 10. Logo ao sair da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como pomba sobre ele. Lucas 3:21 registra que, “ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus”. Pode ser que, embora não haja certeza, todos os que foram até João naquele dia para serem batizados já tivessem sido batizados e ido embora. Isso deixou Jesus e João sozinhos nesse importante momento que teve o céu por testemunha.

João Batista testemunhou que ele viu o Espírito descer sobre Jesus (João 1:32–34). Credo que João era profeta, o povo naturalmente aceitou suas declarações sobre essa revelação. A partir de então, ficou evidente que o Espírito em Jesus Lhe deu poder ilimitado. João 3:34 relata que Jesus recebeu o Espírito sem “medida”¹³.

Versículo 11. Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo. A vinda do Espírito quando os céus se abriram foi um sinal para João de que Jesus era Aquele a quem ele fora enviado para preparar o povo. João não sabia que Jesus era o Messias até que viu o Espírito Santo descer sobre Ele. Mais tarde, ele pôde anunciar a todos que Jesus era o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1:29b). A descida do Espírito sobre Jesus é um dos maiores testemunhos da divindade de Cristo no Novo Testamento.

Será que Deus nos declara Seus filhos quando saímos das águas, como fez no batismo de Jesus? Embora Ele não o faça audivelmente, nós nos tornamos um com Cristo quando somos imersos nEle (veja Gálatas 3:26, 27).

Jesus foi batizado como um exemplo para nós, mas o Seu batismo foi muito mais do que isso. Ele retratou a total submissão do nosso Senhor a Seu Pai celestial. Nosso batismo deve ter um significado semelhante para nós. Quando somos sepultados com Cristo, nos unimos a Ele e nos identificamos com Ele. Saímos das águas para entrar em uma

¹³ Parece que a única coisa não permitida ao poder e ao conhecimento de Jesus foi Ele saber quando seria a Sua segunda vinda (Mateus 24:36; Marcos 13:32). O motivo dessa limitação não sabemos; no entanto, Apocalipse evidencia que agora Jesus o sabe.

nova vida com Ele (veja Romanos 6:3, 4).

TENTADO POR SATANÁS (1:12, 13)¹⁴

¹²E logo o Espírito o impeliu para o deserto, ¹³onde permaneceu quarenta dias, sendo tentado por Satanás; estava com as feras, mas os anjos o serviam.

Não temos como penetrar na mente de Jesus, a não ser pelo conhecimento obtido através dos Relatos do Evangelho. Esses registros são um meio poderoso de nos informarmos, especialmente em se tratando de um estudo das tentações que o nosso Senhor enfrentou. Exceto pela agonia no jardim (Lucas 22:44), que antecedeu a glória da cruz, nossa fé pode ser incomparavelmente fortalecida pela leitura desse episódio na vida de Jesus.

Versículos 12 e 13. A palavra **tentado** vem de *πειράζω* (*peirazō*) e neste contexto significa mais “ser posto à prova” do que “ser seduzido a fazer o mal”, embora pareça ser isso o que **Satanás** tinha em mente. A palavra **impeliu** pode implicar que Jesus não queria ser posto à prova dessa maneira, mas foi da vontade de Deus que assim se fizesse, e Ele consentiu. Mateus 4:1 diz que Jesus foi “levado”, mas o termo “impelido”, usado em Marcos 1:12, é mais enérgico (de *ἐκβάλλω*, *ekballō*, usado dezoito vezes em Marcos, das quais onze se referem à expulsão de demônios). Embora Deus permita que Seus filhos sejam “tentados”, Ele nunca é a fonte da tentação no sentido de seduzir alguém a fazer o mal (Tiago 1:13).

Mateus 4:2 relata que a tentação aconteceu ao fim de quarenta dias, enquanto Marcos 1:13 e Lucas 4:2 relatam que ela durou **quarenta dias**. Estes dois relatos evidentemente contam os dias de jejum como parte das tentações específicas, ou como preparação para elas e, portanto, como o período de tentação. A solidão e a fome de quarenta dias talvez tivessem como objetivo aflorar a humanidade de Cristo para que Ele realmente vivenciasse a tentação¹⁵. Só Marcos menciona **as feras** (“animais selvagens”; NVI) que intensificavam o sentimento de desolação de Jesus. Deus pode ter fechado a boca dos leões, num sentido figurado, como fizera por Daniel tempos atrás (Daniel 6). Marcos pode

ter inserido este detalhe para fortalecer nosso entendimento de que Deus estava protegendo Jesus. Isso também apontava para o poder do Cristo Rei e do Seu reino, que em breve viria. Marcos diz que **anjos** prestaram-Lhe assistência, mas o texto não diz quando; Mateus diz que o socorro veio no fim dos quarenta dias.

Acredita-se que a tentação tenha ocorrido **no deserto** da Judeia, uma região árida extensa e estreita que vai até Jericó. O lugar é conhecido em hebraico como “Jesimom”, que significa “a devastação”. O suposto local da tentação de Jesus é um monte com vista para Jericó, que atualmente sedia um mosteiro perto do cume de penhascos de quase 400 metros de altitude. De lá, pode-se olhar para o oásis de Jericó, mais de 800 metros abaixo do nível do mar, com seus frutos deliciosos. A tentação para fazer pão teria sido ainda mais difícil diante da abundância de alimentos a uma curta distância.

Enquanto Israel, o povo de Deus, fracassou num deserto, Jesus, o Filho de Deus, triunfou num deserto!¹⁶ O fato de a tentação ter ocorrido **logo** após o batismo de Jesus nos desperta uma pergunta: Satanás esforça-se ao máximo para recuperar alguém que ele perdeu, logo depois dessa pessoa dar o primeiro passo de obediência a Cristo? Foi tão inevitável para Satanás começar a tentar Jesus, quanto foi para o Senhor iniciar seu trabalho para derrotar o diabo. Satanás retirou-se, porém, somente “até momento oportuno” (Lucas 4:13).

Talvez quando a multidão procurou pegar Jesus “à força” e coroá-lo rei, essa tenha sido mais uma tentação de Satanás (João 6:15). O momento em que Pedro censurou Jesus por anunciar a Sua morte também pode ter sido mais uma tentação. A reação à sugestão de Pedro de que Jesus não deveria morrer foi muito objetiva. Jesus disse: “Arreda, Satanás! Tu és para Mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens” (Mateus 16:23). Nenhuma repreensão a qualquer homem poderia ter sido mais forte do que esta. Evidentemente, Jesus creu que Satanás estava agindo por meio de Pedro. Da mesma forma, a atuação de Judas certamente foi em aliança com Satanás (veja Lucas 22:3, 53; João 14:30). A

¹⁴ Constam relatos paralelos em Mateus 4:1–11 e Lucas 4:1–13.

¹⁵ Lucas 2:52 nos informa que Jesus “crescia” em sabedoria quando era jovem, mas podemos imaginar um tempo em que Ele já sabia muito bem que era o Messias.

¹⁶ “Na solidão do deserto, Cristo permaneceu por *quarenta dias*, provavelmente correspondentes aos quarenta anos de prova que Israel... sofreu no deserto” (R. A. Cole, *The Gospel According to St. Mark: An Introduction and Commentary*, The Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1973, p. 59).

predita traição desse apóstolo deve ter sido um fardo pesado para Jesus carregar em todo o Seu ministério terreno. Ele continuou a trabalhar com Judas até o fim. Judas desistiu de si mesmo antes de Jesus desistir dele.

“O TEMPO ESTÁ CUMPRIDO” (1:14, 15)¹⁷

¹⁴Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, ¹⁵dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.

Versículo 14. O Evangelho de Marcos é particularmente o “Evangelho do Ministério Público” de Jesus. Quando Jesus começou seu ministério público, João teve de encerrar o seu. Visto que **João** havia **sido preso** por Herodes, era conveniente que Jesus partisse da Judeia para a **Galileia** porque “ainda não era chegada a Sua hora”¹⁸.

Versículo 15. A ordem das palavras neste versículo não indica que a fé veio após o arrependimento quando os judeus receberam a pregação de Jesus. Eles já criam em Deus, mas precisavam **se arrepender** em preparação para **crer no evangelho** (Cristo). Sem fé é impossível agradar a Deus (Hebreus 11:6). Portanto, não seria aceitável o arrependimento preceder a fé. A doutrina de que o arrependimento precede a fé – de que o indivíduo perdido encontra-se tão totalmente depravado que não pode nem crer até que Deus tenha agido fazendo-o arrepender-se – é contrária às Escrituras.

A expressão **o reino de Deus está próximo** também é usada em Lucas 10:9. **O tempo** [καιρός, *kairos*] **está cumprido** deve referir-se a Daniel 9:24–27, a única profecia que fala com certa exatidão a respeito do tempo em que o Messias viria. Daniel 2 só especifica o período geral do Império Romano; Daniel 9:24–27 é mais exato. O “decreto” para reconstruir Jerusalém poderia ser o de Esdras 7:11 (431 a.C.), e isto traria a data do ministério de Jesus para o ano 26 d.C. (Se Jesus tinha trinta anos de idade ao iniciar Seu ministério, então Ele nasceu no ano 4 a.C. Veja Lucas 3:23.) Daniel predisse o tempo em “números redondos”, e Jesus declarou que o tempo de cumprimento havia chegado.

Cientes do tempo geral em que a profecia se

¹⁷ Os relatos paralelos estão em Mateus 4:12, 17 e Lucas 4:14.

¹⁸ Em João 2:4, Jesus disse à Sua mãe: “...Ainda não é chegada a minha hora”.

cumpriria, os judeus já estavam prevendo a vinda do Messias e estavam em grande estado de expectativa. No entanto, não perceberam que o Rei estava presente e que o Seu reino já estava nos últimos estágios de preparação. Com a vinda do Espírito no dia de Pentecostes, o reino começaria a ser administrado por Jesus do céu mediante o Espírito na terra.

Se o reino não estava “próximo” em 30 d.C., então ou Jesus estava enganado ou adiou a chegada do Seu reino. Todos os cristãos estão agora no reino, de acordo com Colossenses 1:13. Se os ensinamentos pré-milenistas estivessem corretos, isso significaria uma dentre três alternativas: 1) Jesus anunciou uma profecia falsa sobre a proximidade do reino, 2) Ele mudou de ideia, ou 3) Deus ainda não havia revelado a Ele os detalhes do reino vindouro. O pré-milenismo dispensacionalista faz de Jesus um equivocado, um enganado ou um impostor.

Não temos nenhuma evidência de que Cristo pisará novamente na terra. João 17:11 diz que Ele “já não está no mundo” e 1 Tessalonicenses 4:14–17 declara que “nos encontraremos [com Ele] nos ares” e, a partir de então, “estaremos para sempre com o Senhor”. Portanto, a ideia de um futuro reino terreno de Cristo não tem fundamento nem apoio bíblico.

O CHAMADO DE SIMÃO, ANDRÉ, TIAGO E JOÃO (1:16–20)¹⁹

¹⁶Caminhando junto ao mar da Galileia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores. ¹⁷Disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. ¹⁸Então, eles deixaram imediatamente as redes e O seguiram. ¹⁹Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes. ²⁰E logo os chamou. Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus.

Versículos 16 e 17. Quando Jesus estava viajando **junto ao mar da Galileia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores**. Marcos omite a pesca milagrosa registrada em Lucas 5:1–11, um evento que deve ter ocorrido pouco depois deste chamado junto ao mar. O primeiro chamado de Simão ao discipulado

¹⁹ O relato paralelo está em Mateus 4:18–22.

foi através de seu irmão André (João 1:40–42).

Jesus exercia grande poder de atração sobre as pessoas comuns (veja João 12:32). Ele chamou para Si homens ocupados, sabendo que eles seriam os melhores trabalhadores. O chamado **Vinde após mim** não era um chamado ao discipulado; pois aqueles homens evidentemente já eram discípulos. Jesus estava no processo de chamar homens para se tornarem Seus companheiros mais íntimos. Esses homens viajariam e viveriam com Jesus como discípulos em tempo integral. Mais tarde eles seriam promovidos ao papel de apóstolos de Cristo, compondo os “Doze”, um título comum para os embaixadores de Jesus no mundo. Contudo, o chamado para o apostolado propriamente dito viria mais tarde (Marcos 3:13–15; Lucas 6:12, 13).

O chamado de Jesus deu origem ao conceito de **pescadores de homens**. A conquista de almas se parece muito com a pesca. Uma rede de comunicação consegue pegar alguns, mas é preciso que muitos sejam capturados de uma vez por alguma isca atraente. O evangelho é atraente para aqueles que ouvem e estudam atentamente sua mensagem duradoura. Além disso, assim como um pescador deve desenvolver um conhecimento sobre os peixes, um ganhador de almas deve aprender a responder as objeções apresentadas por seus ouvintes e conduzi-los com sabedoria até Cristo (veja 3:15). Tornar-se um bom pescador requer muita paciência, e essa virtude também é necessária para ser um eficiente ganhador de almas.

Versículos 18 a 20. Em seguida Jesus viu **Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes**. A pesca já foi um negócio próspero no mar da Galileia. Os nomes das cidades vizinhas tinham a ver com peixes ou pesca de alguma forma: “Betsaida” significa “casa dos peixes” e “Tarichaea” é literalmente “lugar dos peixes salgados”. O peixe fresco era raro para a maioria das pessoas, mas peixes salgados eram exportados até mesmo em Roma. João pode ter sido uma espécie de supervisor na venda de peixes em Jerusalém. Como resultado, possivelmente conhecia muitas pessoas proeminentes nesse ramo de negócios; o que lhe permitiu ficar na casa do sumo sacerdote, enquanto Jesus estava sendo julgado (João 18:15, 16).

Marcos diz que **logo** Simão, André, Tiago e João deixaram seu trabalho para seguir Jesus. Tiago e João também **deixaram no barco a seu pai Zebedeu com os empregados**. Esses discípulos

continuaram a ouvir Jesus e a aprender com Ele; mas enquanto o Mestre permaneceu na região de Cafarnaum, tudo indica que, ocasionalmente, eles voltavam a pescar. Nessa ocasião, Jesus chamou os Doze para **O seguirem** em tempo integral.

Seguir a Jesus implicava custos; tiveram de deixar para trás seus negócios, juntamente com qualquer esperança real de remuneração regular, ou de camas confortáveis e suprimentos diários. Eles dependeriam de patrocinadores generosos do ministério de Jesus, naquele período, e, talvez, pelo resto de suas vidas. Ainda assim, assumiram o compromisso de seguir Jesus, sem se importar com o custo. Ainda que não tivessem casa, nem cama, nem riqueza, teriam uma oportunidade única de andar na comunhão com Jesus, servir ao Deus vivo e ajudar na expansão de Seu reino. Um desses homens, Tiago, se tornaria o primeiro mártir entre os apóstolos (Atos 12:1, 2), morrendo pela espada no método comum de decapitação romana.

Esses quatro homens eram apenas pescadores humildes. No Antigo Testamento, os homens chamados por Deus para liderar Seu povo, em sua maioria, tinham profissões humildes²⁰. Da mesma forma, no Novo Testamento, vemos que Jesus chamou indivíduos improváveis para servirem como Seus apóstolos²¹. Por que Deus chamou homens simples e humildes? Vejamos algumas prováveis razões para isso: 1) A mente deles estava livre de preconceitos, pronta para aceitar a verdade; não eram reféns de pressuposições quanto ao seu valor próprio e autossuficiência. 2) O poder do evangelho ficaria mais evidente na fraqueza de seus ministros (veja 1 Coríntios 2:3–5; 2 Coríntios 4:7)²².

ENSINO NA SINAGOGA E CURA DE UM HOMEM COM UM ESPÍRITO IMUNDO (1:21–28)²³

²¹Depois, entraram em Cafarnaum, e, logo no sábado, foi ele ensinar na sinagoga. ²²Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava

²⁰ Moisés era pastor quando Deus o chamou (Êxodo 3:1, 10); Gideão estava debulhando trigo (Juízes 6:11); Saul estava procurando os jumentos perdidos de seu pai (1 Samuel 9:3, 27; 10:1); Davi estava cuidando das ovelhas de seu pai (1 Samuel 16:11); e Eliseu estava arando a terra (1 Reis 19:19).

²¹ Mateus era cobrador de impostos (Mateus 9:9) e Saulo/Paulo estava perseguindo os cristãos (Atos 9:1–16).

²² J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels*. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 162.

²³ O relato paralelo está em Lucas 4:31–37.

como quem tem autoridade e não como os escribas. ²³Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo, o qual bradou: ²⁴Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus! ²⁵Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai desse homem. ²⁶Então, o espírito imundo, agitando-o violentamente e bradando em alta voz, saiu dele. ²⁷Todos se admiraram, a ponto de perguntarem entre si: Que vem a ser isto? Uma nova doutrina! Com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem! ²⁸Então, correu célere a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galileia.

Versículos 21 e 22. Aparentemente, no próximo **sábado** após o chamado para serem pescadores, Jesus **logo** começou a **ensinar na sinagoga em Cafarnaum**. A cidade de Cafarnaum seria sede de Jesus em todo o Seu ministério na Galileia²⁴. As ruínas de uma sinagoga do segundo século ainda podem ser vistas no que sobrou da cidade, provavelmente nesse mesmo local mencionado no relato. Há uma inscrição numa coluna informando que um centurião romano doou uma verba para a construção da sinagoga. Centuriões, a espinha dorsal dos exércitos romanos, são sempre mencionados por sua bondade no Novo Testamento²⁵.

Os ouvintes se **maravilhavam** com a maneira como Jesus lhes falava. Ele falava com **autoridade, e não como os escribas**, que simplesmente citavam eruditos do passado (1:22; veja Mateus 7:28, 29). Os escribas passavam tempo estudando e copiando a Lei e os escritos dos rabinos. Depois de 70 d.C., quando o templo foi destruído, foram enaltecidos porque preservaram na forma escrita a lei oral e registraram fielmente as Escrituras Hebraicas²⁶. No entanto, os escribas, junto com os fariseus, foram longe demais ao afirmar que essa tradição oral era mais importante do que a lei escrita de Moisés; Jesus repreendeu tal desobediência (Marcos 7:5–13). Entraram em conflito com Cristo porque

²⁴ No entanto, Jesus repreendeu o povo de Cafarnaum por causa de sua incredulidade (Mateus 11:23, 24), dizendo que os cidadãos daquela cidade eram piores que o povo de Sodoma.

²⁵ Veja Mateus 8:5–13; 27:54; Lucas 7:1–10; 23:47; Atos 10:1–48; 27:43.

²⁶ A identificação “massoretas” vem do termo “masorah” (que significa “tradição”; literalmente, “aquilo que foi passado”). Os massoretas eram eruditos judeus dos séculos VI ao XI que vocalizaram e interpretaram o texto do Antigo Testamento; eles inseriram as marcas de vogais em seus manuscritos bíblicos hebraicos e preservaram o texto.

este “ensinava com autoridade”, enquanto eles só podiam citar outras “autoridades”.

O excelente trabalho de preservar o texto do Antigo Testamento tem sido confirmado pela incrível concordância entre os manuscritos bíblicos de Qumran e o Texto Massorético²⁷. O ponto que Marcos estava destacando deveria ter a atenção de grupos religiosos atuais que transformam suas tradições em preceitos superiores às Escrituras²⁸.

Versículos 23 e 24. Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo. Nos Evangelhos, “espíritos” e “demônios” são sempre descritos como malignos ou “imundos”. Os gregos acreditavam que alguns eram bons e outros, maus. “Demônios” para judeus e gregos significava espíritos de pessoas mortas, que, segundo acreditavam, podiam se apossar de pessoas vivas e controlá-las. No entanto, a ideia de mortos vivendo como espíritos no meio dos vivos não tem apoio no Novo Testamento. De fato, Jesus aparentemente ensinou que não é possível voltar do reino dos mortos para a terra (Lucas 16:19–31)²⁹.

O que permitiu que judeus e outros que viviam naquela época fossem possuídos por espíritos maus? Vale a pena refletir neste breve comentário de Kevin Green: “Os demônios figuram no colapso moral de um povo que cede à carnalidade e ao pecado sexual, praticados tão desenfreadamente no mundo de hoje [2 Timóteo 3:1–9; Apocalipse 9:21]”³⁰.

Uma vez que Deus não teria criado os demônios como seres malignos, tudo indica que eram ex-anjos bons que optaram por seguir Satanás numa rebelião contra Deus (2 Pedro 2:4). O fato de terem estado antes no céu pode explicar como sabiam quem era Jesus (**o Santo de Deus**). Esses demônios só seriam lançados no inferno eterno no fim dos tempos (veja Mateus 25:31–46).

²⁷ W. J. Martin, “Text and Versions, 1. Of the Old Testament” em J. D. Douglas, ed., *The New Bible Dictionary*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962, p. 1254.

²⁸ A “veneração” a Maria beira a adoração; dizem que o uso de ícones/ídolos auxilia na adoração, embora essas imagens sejam sempre proibidas na Bíblia; e o “Papa” é coroado como “o Santo Padre”, tomando o lugar de autoridade do próprio Deus. Essas práticas tradicionais não têm provas que as sustentem nas Escrituras.

²⁹ Lázaro, quando foi para o paraíso, não pôde voltar à terra, e Abraão disse que ninguém seria enviado aos irmãos do homem rico.

³⁰ Kevin Green, comp., “Demons” em *Zondervan All-in-One Bible Reference Guide*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2008, p. 187.

Os demônios tiveram uma visibilidade especial na terra durante o ministério de Cristo. Talvez isso tenha sido permitido para que Cristo mostrasse o Seu poder sobre eles. A obra do diabo e seus demônios nesta terra é descrita pelo termo “tenebroso” em Efésios 6:12: “Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes”.

O Antigo Testamento reconheceu a existência de “necromantes” (médiums) e “adivinhos” (Levítico 19:31), mas proibiu a consulta a eles. O Novo Testamento mostra que os demônios têm personalidades e podem crer. “Crer e estremecer” (Tiago 2:19) indica que, no mínimo, eles têm algum conhecimento do juízo vindouro de Deus sobre eles e sobre o mundo maligno para o qual contribuiram. Esses demônios perguntaram a Jesus: **Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos?**

Versículos 25 a 28. Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai desse homem. Então, o espírito imundo, agitando-o violentamente e bradando em alta voz, saiu dele. Jesus contou uma parábola baseada na atividade dos espíritos imundos em Lucas 11:24–26. Essa ilustração relata um endemoninhado que foi purificado, mas não preencheu a vida com fé, possibilitando assim que o demônio voltasse e lhe causasse danos ainda maiores. A implicação da história pode ser que, depois de muitos judeus terem se arrependido em resposta à pregação de João, vieram a rejeitar a Jesus, tornando-se o seu estado atual pior que o anterior.

Em relação aos demônios, só sabemos com certeza o que foi dito por Jesus. Há pouco para se deduzir além disso. Efésios 2:2 fala do “príncipe da potestade do ar... o espírito que agora atua nos filhos da desobediência”. Satanás deve ser esse príncipe, e o “espírito que atua nos filhos” de Satanás pode incluir a força de trabalho demoníaca enviada por Satanás.

Todos se admiraram, a ponto de perguntarem entre si: Que vem a ser isto? As pessoas comuns entenderam que se tratava de **uma nova doutrina**. A **autoridade** era evidente porque o poder presente na fala de Jesus expelia demônios sem o alarde provocado por alguns e insensatamente usado através dos séculos – e até hoje. Assim, **correu... a fama de Jesus rapidamente, por todo o distrito da Galileia**.

A CURA DA SOGRA DE PEDRO (1:29–31)³¹

²⁹E, saindo eles da sinagoga, foram, com Tiago e João, diretamente para a casa de Simão e André. ³⁰A sogra de Simão achava-se acamada, com febre; e logo lhe falaram a respeito dela. ³¹Então, aproximando-se, tomou-a pela mão; e a febre a deixou, passando ela a servi-los.

Versículo 29. Foram... para a casa de Simão e André. Durante uma visita a Israel, muitos anos atrás, fiquei fascinado ao ver, na esquina do que restara de uma sinagoga do segundo século, em Cafarnaum, as ruínas da casa de Pedro. Numa visita posterior, constatei que o local fora coberto com estanho para evitar mais erosão. Em 1997, uma nova estrutura foi construída sobre o que parecia ser um porão. Um telhado elevado, dando a aparência do que poderíamos chamar de “tenda”, ainda permitia a visão direta do lugar. Essa casa pode ter sido a casa onde a sogra de Pedro foi curada, pois se encaixa na descrição bíblica que indica que ficava perto da sinagoga (supondo que a estrutura do segundo século estava no mesmo nível que a do primeiro século).

Versículos 30 e 31. A sogra de Simão achava-se acamada, com febre. Desta passagem se deduz que Pedro (Simão) tinha uma esposa viva nessa ocasião e que posteriormente ela viajou com o marido em ações missionárias (1 Coríntios 9:5). Isto contraria as leis de certos grupos religiosos que proíbem o clero de se casar, com base na suposição de que o estado celibatário é mais sagrado que o matrimônio. Se tivéssemos só este texto, já teríamos uma réplica suficiente a esse falso ensino. No entanto, essa passagem é reforçada pela afirmação: “digno de honra entre todos seja o matrimônio” (Hebreus 13:4).

E logo lhe falaram a respeito dela. Então, aproximando-se, tomou-a pela mão; e a febre a deixou, passando ela a servi-los. A cura instantânea dessa boa mulher permitiu que ela se levantasse e servisse seus convidados. Normalmente, a febre deixa a pessoa tão fraca a ponto de exigir um período de convalescença. Este é um dos principais sinais de um milagre: cura completa e imediata, com força total no lugar da enfermidade ou deficiência. A cura era de fato um sinal messiânico (Mateus 8:17; Lucas 7:22).

³¹ Os relatos paralelos estão em Mateus 8:14, 15 e Lucas 4:38, 39.

A CURA DE MUITOS (1:32–34)³²

³²À tarde, ao cair do sol, trouxeram a Jesus todos os enfermos e endemoninhados. ³³Toda a cidade estava reunida à porta. ³⁴E ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades; também expeliu muitos demônios, não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem ele era.

Versículos 32 e 33. O resultado da cura da sogra de Pedro e do milagre na sinagoga foi que **toda a cidade estava reunida à porta**. Era sábado, por isso a multidão só foi até Jesus **à tarde, ao cair do sol**. Uma das principais queixas dos fariseus sobre Jesus era que Ele curava no sábado³³. Obviamente, não se preocupavam com a importância de Jesus realizar milagres; só queriam censurá-LO por uma suposta violação do sábado.

A passagem faz uma distinção entre **todos os enfermos e endemoninhados**³⁴. Enquanto Mateus 12:22–29 refuta o argumento de alguns fariseus de que Jesus expulsava demônios pelo poder de “Belzebu” (Satanás), Marcos 3:22–30 fala da mesma ocasião, mas cita particularmente os “escribas”. Muitos dos escribas eram fariseus³⁵.

Versículo 34. E ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades; também expeliu muitos demônios. Aqui, novamente, é feita uma distinção entre “doentes” (ἐχθω, *echō*) com “enfermidades” (νόσος, *nosos*) e os possuídos por “demônios” (δαίμόνιον, *daimonion*). Por que algumas pessoas eram possuídas por demônios? Alguns comentaristas especulam que o fenômeno ocorreu por causa da extrema iniquidade da nação. Talvez a participação do povo em feitiçarias ou práticas ocultistas tenha convidado espíritos maus a se manifestarem a eles. Contudo, estas são meras suposições; seria difícil provar qualquer um desses palpites.

Jesus **não lhes permitiu que falassem** dEle ou O identificassem, e demonstrou com isto o Seu completo domínio sobre esses espíritos. Marcos

³² Os relatos paralelos estão em Mateus 8:16, 17 e Lucas 4:40, 41.

³³ Os fariseus são mencionados somente em 2:16. A primeira queixa dissimulada deles foi contra a confraternização de Jesus com pessoas que eles consideravam pecadoras; a segunda acusação dizia respeito ao sábado (2:23–27).

³⁴ Veja Mateus 4:24, em que se faz uma distinção mais cuidadosa entre doenças e possessão demoníaca.

³⁵ Josefo disse que havia mais de seis mil fariseus nos dias de Herodes. (Flavio Josefo, *Antiguidades* 17.2.4.) Muitos desses (nem todos) eram escribas.

diz que Jesus os proibiu de falar **porque sabiam quem ele era**.

SOLITUDE PARA ORAR (1:35–39)³⁶

³⁵Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava. ³⁶Procuravam-no diligentemente Simão e os que com ele estavam. ³⁷Tendo-o encontrado, lhe disseram: Todos te buscam. ³⁸Jesus, porém, lhes disse: Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim. ³⁹Então, foi por toda a Galileia, pregando nas sinagogas deles e expelindo os demônios.

Versículo 35. Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava. Isaías 50:4 parece prever como o Messias buscaria a Deus todas as manhãs. A oração era necessária para ajudá-LO a se preparar para o primeiro circuito de pregação em Israel.

A maioria das pessoas consegue orar melhor privadamente do que na companhia de outros, mesmo que sejam amigos íntimos. Cada um de nós, como Jesus, pode necessitar encontrar um lugar onde ninguém mais ouça ou atrapalhe suas orações. Albert Barnes escreveu: “Aquele que deseja desfrutar da religião deve procurar um lugar secreto para orar de manhã. Sem isto, tudo dará errado, nossa piedade fenecerá. O mundo encherá nossos pensamentos”³⁷. Além disso, as incansáveis atividades de Jesus (talvez as curas até altas horas da noite anterior) exigiram que Ele separasse um tempo para ficar só. É estranho e inesperado ler que Jesus sentiu poder saindo de Si (5:30) ou que Ele ficou “cansado” (João 4:6). Seus momentos de fadiga demonstram que Ele de fato era completamente humano, como nós.

Há dez registros de Jesus adulto buscando Solitude retirando-se das multidões³⁸. Por vezes, Jesus até Se retirou da presença dos Seus apóstolos para ficar só e orar ao Pai. Marcos registrou três momentos específicas que Jesus passou em oração (1:35; 6:46; 14:32–39). Esses momentos de oração ocorreram, em grande parte, à noite e em situações de tensão. O ritmo frenético de Jesus é pontuado

³⁶ Os relatos paralelos estão em Mateus 4:23 e Lucas 4:42–44.

³⁷ Albert Barnes, *Notes on the New Testament: Matthew—Mark*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1955, p. 332.

³⁸ Charles R. Erdman, *The Gospel of Mark*. Filadélfia: Westminster Press, 1917, p. 39.

neste primeiro capítulo, em que Marcos registrou muitas atividades diferentes acontecendo ao mesmo tempo. Talvez a intenção de Marcos tenha sido mostrar-nos um dia típico na vida de Jesus.

Versículos 36 a 39. Procuravam-no diligentemente Simão e os que com ele estavam. Tendo-o encontrado, lhe disseram: Todos te buscam. Jesus, porém, lhes disse: Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim. A grande atenção que Jesus recebia teria enchido de orgulho um homem menor, mas Jesus deixou os holofotes para pregar a Palavra em outros lugares. Lucas 4:42 diz que Jesus partiu, embora o povo Lhe implorasse que ficasse. A decisão de Jesus mostra que pregar a Palavra é mais importante do que curar enfermos.

As **sinagogas** (συναγωγή, *sunagōgē*, literalmente, “assembleia, reunião”) eram locais de reunião ou uma espécie de capela. Ao usar esse termo, o povo de Israel prefigurava a igreja do Novo Testamento; pois a palavra “igreja” (ἐκκλησία, *ekklēsia*) refere-se a “uma assembleia”, ainda que, no uso comum, o termo tenha se degenerado para o local da reunião ou encontro. No Antigo Testamento não há menção da palavra “sinagoga”, exceto talvez no Salmo 74:8 (que diz: “queimaram todos os lugares santos”). Há quem afirme ser este um salmo posterior, talvez do período persa³⁹.

Expelindo os demônios é mencionado novamente em 1:39. Esse tipo de milagre possivelmente causou a maior admiração ao povo. Parece que era comum demônios possuírem corpos humanos durante o ministério terreno de Jesus. A possessão demoníaca era provavelmente mais assustadora do que as doenças, uma vez que muitas doenças desapareciam com o tempo. As curas instantâneas de Cristo devem ter sido maravilhosas aos olhos humanos. Jesus manifestou o Seu poder e a Sua compaixão exorcizando os demônios⁴⁰.

A CURA DO LEPROSO (1:40–45)⁴¹

⁴⁰Aproximou-se dele um leproso rogando-

³⁹ Walter W. Wessel, “Synagogue” em *The Zondervan Pictorial Bible Dictionary*, ed. Merrill C. Tenney. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1963, p. 817. O Talmude de Jerusalém alegava haver 480 sinagogas na cidade (*Megilá* III.D-E), embora haja esse total seja duvidoso.

⁴⁰ Veja mais informações sobre o tema do exorcismo nos comentários sobre 3:22–27.

⁴¹ Os relatos paralelos estão em Mateus 8:2–4 e Lucas 5:12–16.

lhe, de joelhos: Se quiseses, podes purificar-me. ⁴¹Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: **Quero, fica limpo!** ⁴²No mesmo instante, lhe desapareceu a lepra, e ficou limpo. ⁴³Fazendo-lhe, então, veemente advertência, logo o despediu ⁴⁴e lhe disse: Olha, não digas nada a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo. ⁴⁵Mas, tendo ele saído, entrou a propalar muitas coisas e a divulgar a notícia, a ponto de não mais poder Jesus entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos; e de toda parte vinham ter com ele.

Marcos fornece mais detalhes da cura desse leproso do que os outros evangelhos sinóticos. A cura de um leproso é significativa porque o povo acreditava que só um poder divino poderia curar a lepra. Mateus mencionou essa cura em primeiro lugar entre os milagres que detalhou.

“Lepra” (λέπρα, *lepra*) nas Escrituras poderia se referir a uma série de doenças de pele ou contaminações, incluindo o apodrecimento de tecidos e casas (Levítico 13:47; 14:34). Um leproso deveria manter os cabelos desgrenhados e gritar: “Imundo!”, quando se aproximasse de uma pessoa sadia (veja um exemplo disto em Levítico 13:45); além de viver longe da sociedade. O Antigo Testamento prescreveu remédios para se lidar com os casos de lepra e até de mofo e bolor em roupas e paredes. O significado preciso de “lepra”, tanto no Antigo como no Novo Testamento, ainda é debatido, mas, sem dúvida, inclui a doença atualmente chamada hanseníase (especialmente no Novo Testamento). A cura instantânea da lepra foi um milagre que ninguém pôde repetir. Na progressão normal da lepra, a doença poderia ser curada (o que significava que não era a lepra propriamente dita), ou poderia chegar a um estágio em que as manchas ficariam totalmente brancas e não mais consideradas contagiosas. Nesses casos, o sacerdote poderia declarar que o leproso estava finalmente limpo.

Versículo 40. Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe, de joelhos. De acordo com a Lei, um leproso declarado imundo não podia nem se aproximar de um não-leproso; mas para Jesus (que é o verdadeiro Sumo Sacerdote), não representava perigo algum Ele entrar em contato com um leproso.

Se quiseses, podes purificar-me. O homem acreditava plenamente que Jesus podia curá-lo,

mas não tinha certeza de que Ele queria fazê-lo. Tantas pessoas o evitavam que ele perdera toda a autoestima e esperança até ouvir falar de Jesus. Ele precisava ter certeza de que Jesus estava disposto, e nosso Senhor rapidamente concedeu-lhe essa certeza.

Versículo 41. Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o. Jesus tocou o homem, e isso era proibido a quem estava são. A misericórdia e a compaixão do Messias não permitiram que aquele homem permanecesse leproso. Vários dos milagres realizados por Cristo resultaram de uma sincera compaixão. (Talvez esse fosse o motivo secundário de todos os Seus milagres [1:41], embora o principal objetivo fosse levar as pessoas a crer no Messias [veja João 10:25, 28; 14:11].) Para Jesus, aquele homem não estava imundo; ele era simplesmente uma alma desesperadamente necessitada.

Versículo 42. No mesmo instante, lhe desapareceu a lepra, e ficou limpo. O toque do Mestre imediatamente tornou o leproso limpo (curado). O Grande Médico não precisou recorrer aos procedimentos complexos e ritualistas de um sacerdote levita (veja Levítico 14) para curar a lepra.

Versículos 43 a 45. Vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou. Jesus enviou o leproso curado ao sacerdote, em conformidade com as exigências da lei de Moisés. O homem estaria, assim, cumprindo as exigências da Lei, obedecendo à instrução para os leprosos, mas Jesus cumpriu a real intenção da Lei (Mateus 5:17, 18), oferecendo misericórdia quando ela era tão necessária. Ao enviar o homem a um sacerdote, Jesus provou a autenticidade do Seu milagre e demonstrou que Ele era obediente à lei de Moisés.

O testemunho do sacerdote poderia acrescentar ao milagre um peso que a palavra do próprio leproso talvez não pudesse. A NTLH diz em 1:44 que Jesus enviou o homem ao sacerdote “a fim de provar a todos” que ele estava curado. **Para servir de testemunho ao povo** transmite a mesma ideia; todos os milagres de Jesus “testemunhavam” ao povo que Ele era o enviado do Pai e por Ele era confirmado. Tanto as palavras quanto as ações de Jesus procediam do Pai.

Fazendo-lhe, então, veemente advertência, logo o despediu e lhe disse: Olha, não digas nada a ninguém. O ex-leproso foi instruído a não contar o milagre a ninguém, mas ele ignorou essa ordem

e **entrou a propalar muitas coisas e a divulgar a notícia.** Ele já havia demonstrado desrespeito pela lei de Moisés, entrando na cidade no estado em que se encontrava e aproximando-se de Jesus sem anunciar: “Imundo!”

Parece que a proibição de Jesus, para que o homem não relatasse o milagre, visava aplacar a fúria dos zelotes⁴² na Galileia, onde uma insurreição estava prestes a ocorrer. “Jesus mandou esse homem ficar calado e, no entanto, ele contou a todos. Jesus nos manda contar [o Evangelho] a todos – e ficamos calados!”⁴³ A principal obra de Jesus era pregar; Ele não permitiu nem que Seus apóstolos proclamassem que Ele era o “Filho de Deus”, “o Cristo”, ou “o Filho do Homem” antes da Sua ressurreição (3:11, 12; 8:29, 30; 9:9).

A ponto de não mais poder Jesus entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos; e de toda parte vinham ter com ele. Jesus, então, foi compelido a sair dali e ensinar no deserto, como João; mas até nessas regiões as multidões O procuraram. O trabalho na Galileia mostrou que as pessoas comuns O receberam alegremente. Não tiveram a mente fechada e preconceituosa dos fariseus da Judeia.

Marcos 1 compreende cerca de doze meses do ministério de Jesus, começando pelo Seu batismo. E esse ministério deve ter sido muito mais extensivo do que mostram os sucintos registros de Marcos (3:8–12).

⇒ MEDITAÇÕES EM MARCOS I ⇐

A História que Mudou o Mundo (1:1)

Quase trinta anos da vida terrena do Salvador passaram-se tranquilamente na pequena cidade de Nazaré. Esses anos poderiam ser rotulados de “Anos de Preparação para o Ministério Terreno de Jesus”. O ministério de Jesus seria tão poderoso que o mundo daquela época não poderia suportá-

⁴² Os zelotes eram o partido mais violento contra Roma e tentavam matar qualquer soldado romano que pudessem. Simão, o zelote, estava entre esse grupo quando foi chamado para ser um apóstolo de Cristo (veja Lucas 6:15; Atos 1:13). Os zelotes estavam ativos durante a guerra de 66 a 73 d.C. As atrocidades que cometeram são descritas nas obras de Flávio Josefo e são bem resumidas por Mireille Hadas-Lebel, *Flavius Josephus: Eyewitness to Rome's First-Century Conquest of Judea*, trad. Richard Miller. Nova York: Macmillan Publishing Co., 1993, pp. 128–34.

⁴³ Warren W. Wiersbe, *The Wiersbe Bible Commentary: New Testament*. Colorado Springs, Colo.: David C. Cook, 2007, p. 93.

lo por mais de três anos. De fato, o segundo ano despertou tamanha hostilidade que acabou por culminar na crucificação ao fim do terceiro ano. A verdade absoluta trazida por Jesus resplandeceria com tamanha intensidade que o mundo pecaminoso a rejeitaria e crucificaria Aquele que personificou a verdade.

Em sua frase de abertura, o Evangelho de Marcos nos convida a receber a história que mudou o mundo. Não é a história de uma filosofia, de uma compilação de leis supremas, nem de uma lista das máximas da ética social. É a história da maior pessoa que já andou nesta terra. Como o autor nos preparou para essa história?

1. Ele começou sinalizando que a sua história é *crível*. A narrativa de Marcos nos apresenta os fatos históricos sobre Jesus. Exibe integridade do princípio ao fim. O texto começa com as palavras: “Princípio do”. O ministério terreno de Jesus é histórico, real e fático. Jesus realmente veio, Ele realmente viveu entre nós, e Ele realmente nos trouxe a oportunidade para obtermos a vida eterna.

O ministério de Jesus remonta ao eterno propósito de Deus estabelecido antes da fundação do mundo. Marcos omitiu a eternidade de Jesus que João incluiu em seu relato e a narrativa do nascimento que Mateus e Lucas incluíram; ele começa com o início do ministério de João Batista. Daí, partiu para a vida real de Jesus, a fim de que seus leitores vissem o que Jesus fez por nós durante esses três anos de ensino, pregação e confronto com os segmentos religiosos e seculares.

2. Marcos continuou sinalizando que a sua história é *compreensível*. A intenção desse evangelista foi nos fornecer “o evangelho de Jesus Cristo” ou a boa notícia de Jesus Cristo. A vida, ministério, morte e ressurreição do Messias compõem o “evangelho” (*euangelion*), uma mensagem de esperança e redenção para um mundo que se desviou de Deus.

Este Relato do Evangelho pode ser lido, é abrangente e digerível. Nosso amoroso Pai nos deu este registro para o compreendermos, apreciarmos, seguirmos e para sermos salvos por ele. A boa notícia não seria uma boa notícia se não pudesse ser entendida e obedecida por aqueles que a recebem.

3. Marcos também sinalizou que a história que ele estava escrevendo é *salvadora*. Ele a identificou como “o evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. Ele usou quatro palavras que deveriam ser consi-

deradas as mais importantes de qualquer idioma: “Jesus”, “Cristo”, “Filho” e “Deus”. “Jesus” significa “Salvador”; “Cristo” denota “Messias”; “Filho”, em letra maiúscula, representa a divindade de Jesus e o nome “Deus” declara que Jesus é o segundo membro da Divindade.

Nessas quatro palavras, vemos a história da redenção. A história tem um Salvador, e apresenta o Messias enviado por Deus. De fato, ela contém o eterno propósito de Deus, pois nos mostra que o eterno Filho de Deus veio a ser um de nós. Quem é este cuja história está sendo contada? Ele é Jesus, o homem; Ele é Cristo, o Messias; Ele é o Filho de Deus, a Divindade, Deus encarnado. Ele é tão humano como se não fosse Deus, e tão Divino como se não fosse absolutamente humano.

Conclusão: A história escrita por Marcos não é apenas um evangelho. Não, é o evangelho, o único meio de obtermos a salvação. Essa boa notícia é a mais importante. Que mensagem poderia ser mais importante que esta? Ela inclui tudo o que é bom, significativo, intencional, justo e santo. Além disso, é a notícia mais crucial que se pode receber, a notícia que simplesmente não se pode ignorar. Portanto, é a notícia mais gloriosa e maravilhosa que o mundo já recebeu. Com a chegada dessa mensagem, o mundo mudou para sempre.

A Pregação que Agrada a Deus (1:2-8)

A descrição da pregação de João Batista fornece um modelo da mais elevada e excelente qualidade. As características de sua pregação destacam-se em relevo neste trecho de Marcos.

1. A verdadeira pregação tem por trás de si *autoridade* divina. A pregação que fazemos hoje também deve resultar da comissão celestial que nos foi dada.

Marcos começou esta história de Jesus com um breve esboço do ministério de João Batista. Ele disse que esse João veio em cumprimento de duas escrituras do Antigo Testamento, Isaías 40:3 e Malaquias 3:1. Essas citações são as únicas que o próprio Marcos usou em seu livro. A primeira referência à profecia, em 1:2, fala de Javé (“eu”, Aquele que está falando) enviando João (“meu mensageiro”) para preparar o caminho para Jesus (“tu”). A segunda referência, em 1:3, fala de uma “voz” (o método usado), um “clamor” (o fervor exibido), um “deserto” (o lugar escolhido), e um “caminho” (o objeto procurado). Concernente ao “caminho do Senhor” (1:3), a passagem diz que João estava vin-

do preparar esse caminho. Ele deu a preparação da “pregação”. A implicação é que o povo deveria juntar-se a João para prepararem esse caminho. Seria uma preparação do “povo”.

Josefo descreveu a marcha de Vespasiano na Galileia com soldados indo adiante dele, deixando “a estrada reta e plana, e se houvesse algum trecho em desnível e difícil de ser trafegado, que o aplaiassem e cortassem a mata que impedia a marcha, a fim de que o exército não corresse perigo, nem se afadigasse com a marcha”⁴⁴. Dessa forma, apresentaram a Vespasiano uma estrada desobstruída para que o restante do exército trafegasse com maior velocidade e facilidade.

Este exemplo histórico mostra o tipo de preparação que João e as pessoas que o ouviram fizeram para a vinda do Messias. João foi enviado para endireitar e aplainar o caminho para o Messias. O ministro do evangelho de hoje prepara o caminho para o Espírito Santo ensinar às pessoas a vontade de Deus através da Sua Palavra.

2. A verdadeira pregação é *atemporal*. Devemos pregar quer seja oportuno, quer não, como disse Paulo; mas haverá ocasiões especiais que evocarão esforços ainda mais diligentes.

João não só veio da maneira certa, com a mensagem certa e no espírito certo, como também veio na hora certa. Muitas coisas aconteceram antes, em preparação para a vinda do Messias. Israel passou pelo cativeiro e aprendeu lições difíceis sobre idolatria. A nação de Israel sobreviveu aos conflitos do período intertestamentário. A língua grega espalhou-se pelo mundo e, de certo modo, unificou diversos povos. Os judeus foram dispersos e propagaram o nome de Javé por todo o mundo. O Império Romano instaurou lei e ordem nos tribunais da terra. As Escrituras do Antigo Testamento foram traduzidas para o grego, antigas filosofias e escolas de misticismo perderam a credibilidade, e o mundo gentio estava profundamente mergulhado no pecado e na corrupção.

A cada momento decisivo da história, Deus quer que Sua voz seja ouvida. João pregou num desses momentos decisivos, e devemos estar prontos para o surgimento de tempos semelhantes.

3. A verdadeira pregação é acompanhada de *autodisciplina*. A pregação deve aflorar de vidas disciplinadas. Marcos só dedicou um versículo (1:6) aos detalhes pessoais da vida diária de João.

⁴⁴ Flávio Josefo, *Guerras* 3.6.2.

João comia e se vestia com simplicidade, o que já demonstra evidentemente que ele vivia com simplicidade. Ele concentrou tudo o que tinha e era na comissão que recebeu. Assim como Paulo, João se absteve do casamento e de formar uma família; e talvez o seu celibato lhe permitisse desprezar os valores terrenos e ter uma autodisciplina rígida em prol de sua missão de anunciar o Messias.

A autodisciplina também deve desempenhar um papel vital para nós. O mundo disputa muito a nossa atenção. As vidas de João e Paulo levam aqueles de nós que pregam a perguntar: “Posso pensar na minha pregação e dizer: ‘Uma coisa faço’?” (Veja Filipenses 3:13.)

4. A pregação fiel se caracteriza pela *exatidão* irrepreensível. Pregadores genuínos como João têm corações entregues à obediência. Um pregador pode não ser infalível, mas ele pode ser irrepreensível aos olhos de Deus.

João chamou os judeus ao arrependimento e a um batismo para o perdão, remissão, dos pecados (1:4). Esse batismo prepararia o palco para o batismo que estava vindo como uma das condições de obediência à Grande Comissão. Jesus deu instruções específicas em Sua Grande Comissão sobre o que devemos dizer (pregar o evangelho), fazer (fazer discípulos e batizar) e continuar a fazer (edificar os discípulos). (Veja Mateus 28:18–20.)

Conclusão: A pregação de João tinha como resultado mudança de vida. As pessoas se arrependiam, confessavam seus pecados e eram batizadas para a remissão dos pecados. A palavra grega para “confessar” em 1:5 (ἐξομολογέω, *exomologeō*) implica duas partes, Deus e o pecador, se unindo. Não podemos nos aproximar de Deus sem essa confissão.

O ministério de João Batista foi exigente, preparatório e evidenciou qual era o seu foco. João recebeu a tarefa de cavar o solo e plantar a semente. Depois, ele saiu de cena para que Jesus crescesse; retirou o lixo para que Jesus implantasse a verdade. Seu trabalho nivelou o terreno endireitando o caminho pelo qual Jesus poderia alcançar o povo. João lavrou o solo para que Jesus fizesse o plantio. João usou toda a sua vida para servir a Jesus. Isso é o que todo pregador precisa fazer.

A Verdadeira Obediência (1:9–11)

Marcos escreveu que o importante evento transitivo do batismo de Jesus ocorreu “naqueles dias” (1:9a). Jesus foi até João para ser batizado aos trin-

ta anos (Lucas 3:23), a idade em que um sacerdote do Antigo Testamento começava a prestar serviços em tempo integral (Números 4:3) e em que João iniciou seu maravilhoso trabalho de proclamar a vinda do Messias. Jesus já estava no mundo havia trinta anos, e estava pronto para iniciar o Seu ministério. Os anos de silêncio haviam terminado e o Seu ministério estava entrando em atividade.

Jesus viajou de Nazaré, um trajeto de uns cento e dez quilômetros, para ser batizado (1:9). A sujeição ao batismo de João foi um pré-requisito para o início oficial do Seu ministério. Quando Moisés começou sua viagem para o Egito, ele teve de obedecer às prescrições da aliança na qual estaria guiando Israel (Êxodo 4:24-26). Deixar de fazê-lo resultaria em consequências desastrosas. Jesus obedeceu à vontade do Pai em relação ao batismo, antes de iniciar a tarefa de conduzir outros a obedecerem a Ele.

Nesta cena batismal, três preposições conduzem a narrativa: “de”, “por” e “para”. Jesus saiu “da” quietude da oficina [de carpintaria] em Nazaré. Desceu às águas para ser batizado “por” João. Depois do batismo, saiu das águas “para” iniciar Seu ministério. As fases de separação, participação e inicialização são ilustradas com essas preposições.

Das margens do rio Jordão, vemos uma imagem perfeita da obediência e indagamos: “Quando a obediência é verdadeira?” Pode-se obedecer a uma autoridade superior por obrigação. Pode-se obedecer a uma regra por vergonha de agir contrariamente. O que é obediência verdadeira? Obtemos a resposta a essa pergunta observando este evento revelador que chamou a atenção do céu e da terra.

1. A obediência de Jesus tinha o componente essencial da *fé*. “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11:6). Jesus veio a essa terra para fazer a vontade do Pai. A fé em Deus O compeliu a vir. A fé perfeita levou-O a crer no Pai – a depositar a fé no amor do Pai, no plano do Pai, e no relacionamento do Pai com Ele. Jesus não foi até João para ser batizado porque precisava de arrependimento, perdão ou conscientizar-se de quem era. Ele foi para cumprir toda a justiça. Ele Se submeteu ao batismo na fé de cumprir os propósitos de Deus.

Devemos nos submeter ao batismo na fé. Jesus disse mais tarde: “Quem crer e for batizado será salvo” (Marcos 16:16a). Sem fé, o batismo é um ri-

tual vazio; com fé genuína, o batismo é verdadeira obediência a Deus.

2. A obediência de Jesus tinha o maravilhoso componente da *humildade*. Ao aproximar-se de João, Jesus lhe disse: “Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça” (Mateus 3:15). Andar na justiça de Deus era a prioridade de Jesus. Consequentemente, Ele aceitou com humildade a vontade de Deus e a ela se submeteu.

Aquele que não tinha pecado foi batizado pelo que tinha pecado. João, o mensageiro, imergiu Jesus, o Cristo. Um ser humano batizou o Filho de Deus! Visto que Jesus tornou-se homem, era necessário que Ele fizesse o que Deus também exigiu de outros seres humanos, a saber, os judeus. Ele se tornou homem e passou pelo batismo e pela morte como judeu.

...Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz (Filipenses 2:6-8).

Entramos nas águas do batismo com humildade e nos submetemos a esse mandamento como pecadores que estão sendo salvos pela graça mediante a fé. Entramos nas águas cantando: “Nem trabalho, nem pesar pode o pecado salvar; só Tu podes, bom Jesus ...”⁴⁵

3. O batismo de Jesus tinha o componente da *rendição*. O candidato ao batismo se coloca nas mãos de outro e é imerso por essas mãos. O precursor fazia parte do plano de Deus para a plenitude do tempo. Jesus entregou-se nas mãos de João. Ele não se rendeu parcialmente ao precursor de Deus para o Seu ministério – Ele se rendeu totalmente, por inteiro. De fato, o ato do batismo é um dos retratos mais importantes de como uma pessoa se rende aos planos de Deus.

Quando Jesus entrou na água, Ele estava se submetendo e se entregando; quando Ele saiu da água, Ele orou ao Pai (Lucas 3:21). Ele migrou da participação para o louvor em oração.

Que melhores palavras poderíamos usar para a obediência a Deus no batismo do que “a rendição à vontade de Deus”? O batismo tem conotações incomuns. Temos uma única razão para aceitá-lo e

⁴⁵ A. M. Toplady, “Rocha Eterna”, *Cantor Cristão*, n. 371. Rio de Janeiro: JUERP, s.d.

a ele nos submetemos: render-nos à vontade de Deus com humildade e fé. Deus ordenou o batismo e vamos obedecer.

Conclusão: Como o céu respondeu ao batismo de Jesus? De acordo com Mateus 3:16, Marcos 1:10 e Lucas 3:21, os céus se rasgaram, isto é, se abriram. A mesma palavra grega usada aqui também é usada em relação ao rasgar do véu do santuário na morte de Jesus (Lucas 23:45). Quando Jesus foi batizado, os céus se rasgaram.

O Espírito Santo desceu sobre Ele na forma corpórea de uma pomba, tornando-se esse o sinal inconfundível para João de que Jesus era o Messias (João 1:32–34). Então, ouviu-se a voz do Pai, dizendo-lhe: “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” (Marcos 1:11; Lucas 3:22; Mateus 3:17). Este é um dos três reconhecimentos audíveis feitos por Deus durante a vida terrena de Jesus. Não poderia haver prova mais convincente da filiação de Jesus.

Não deveríamos entrar nas águas do batismo da mesma forma que Jesus? O caminho até o coração do Pai é claro: é uma estrada marcada pela fé, humildade e rendição à vontade do Pai.

Um Chamado para o Quê? (1:16–20)

O ministério terreno de Jesus teve várias facetas. Cada aspecto teve sua relevância e glória. Jesus passou muito do seu tempo pregando sobre o reino vindouro. Esta parte de Sua obra foi essencial para preparar os ouvintes para receber esse reino. A pregação sobre o reino estabeleceu uma base para o que iria acontecer assim que Ele partisse para o céu.

A segunda parte do ministério de Jesus também foi crucial. Consistiu em revelar quem Ele era. Jesus tinha de deixar claro que Ele era o Filho de Deus; e Ele revelou essa verdade gradualmente, fazendo questão de convencer as pessoas desse fato até o fim de Seu ministério de três anos. Se Jesus agisse rápido demais, as multidões irromperiam num ímpeto incontrolável. Se Ele agisse devagar demais, gastaria o tempo destinado a fazer o que tinha vindo fazer.

Uma terceira característica do ministério de Jesus foi a escolha de discípulos que levassem a cabo a Sua grande missão, quando Lhe chegasse a hora de ir para a cruz. Jesus desafiou Seus seguidores a aceitá-Lo, a decidirem ser Seus seguidores fiéis. Depois de atrair um grupo de discípulos, Ele escolheu dentre esses alguns para serem apóstolos, os quais Ele treinou e preparou exaustivamente

para participarem da Sua missão no reino vindouro. Entre as tarefas de Jesus estava também a incrível responsabilidade de revelar ao mundo como Deus realmente é.

Cada uma dessas fases do Seu ministério pessoal-Lhe intensamente no coração. Ele deu uma ênfase especial a cada um desses desafios enquanto cumpriu o Seu ministério.

Nesta conhecida passagem (1:16–20), Cristo estava escolhendo homens para se tornarem Seus seguidores. Quatro homens – Pedro, André, Tiago e João – estavam na praia do mar da Galileia. Pedro e André lançavam as redes ao mar; Tiago e João haviam terminado de pescar e estavam consertando as redes. Jesus chamou esses homens para segui-Lo. É provável que, antes desse convite, eles já conhecessem Jesus e tivessem passado algum tempo com Ele. João 1:35–51 menciona que Pedro e André ficaram impressionados e perplexos com Jesus. André chamou Jesus de “o Messias”; e Jesus deu a Simão um novo nome, “Pedro”, prevendo que ele se tornaria uma rocha de força. Tiago e João podem ter sido os dois que passaram o dia com Jesus em João 1:39.

Jesus chamou esses homens para deixarem o ofício da pesca e segui-Lo. O texto revela que Jesus lhes disse: “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Marcos 1:17). A pergunta que nos intriga é básica: “Para que Jesus chamou esses homens?” Essa pergunta é importante por causa de suas implicações para nós, hoje. Mais tarde, no texto de Marcos, Jesus lançou um chamado semelhante a todas as pessoas, inclusive a nós; e queremos saber o que isso significa. Examinemos esse texto em busca da resposta que procuramos.

1. Percebemos pelo contexto que Jesus estava chamando esses homens para um *discipulado* mais profundo. Mais tarde, em Seu ministério, Jesus chamou alguns dentre Seu grupo de discípulos para serem Seus apóstolos; mas não era isso o que estava ocorrendo aqui. Jesus estava convidando esses indivíduos para serem aprendizes, para estudarem com Ele. Jesus queria que eles fossem, seguissem a Ele e se tornassem imitadores dEle. Precisavam aprender com Ele a amar da maneira que Ele amou, a viver em um relacionamento semelhante ao que Ele tinha com o Pai, a servir os outros como Ele serviu e a levar a mensagem do reino ao mundo segundo as determinações de Jesus.

De acordo com Marcos 8:34, Jesus disse aos

que O ouviam: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me”. “Tomar a sua cruz” neste convite significa viver como um verdadeiro discípulo, isto é, assumindo o estilo de vida de Jesus. Viver assim é como tomar a cruz porque o mundo, de várias maneiras, crucificará todo verdadeiro discípulo, como fez com o nosso Senhor Jesus.

2. Além disso, Jesus estava chamando esses homens para irem e viverem em *comunhão* com Ele. A implicação desse chamado era deixar tudo o que estavam fazendo (no caso deles, a pesca) e irem com Jesus. O Messias queria que eles O acompanhassem, pensassem com Ele e depois assumissem a Sua missão.

Para esses homens, seguir Jesus era o mais elevado privilégio. Dia após dia, eles se fizeram presentes diante do Messias, enquanto Ele partilhava com o mundo as qualidades da Sua vida terrena. À luz da vida perfeita de Jesus, eles iam sendo, diariamente, moldados para serem discípulos aperfeiçoados.

É verdade que nós não temos o mesmo privilégio que eles, o privilégio de andar com Jesus na carne; mas temos privilégios semelhantes que, em alguns casos, são ainda maiores. No cenáculo, Jesus disse aos apóstolos: “Ainda por um pouco, e o mundo não me verá mais; vós, porém, me vereis; porque eu vivo, vós também vivereis” (João 14:19). De fato, Jesus não está mais no mundo; porém, num sentido espiritual, Ele está com todos os Seus discípulos. Temos uma comunhão espiritual com Ele. Essa companhia com Ele transcende todos os limites físicos. Andamos com Ele e Ele anda conosco (veja Mateus 28:19, 20).

3. Jesus também chamou esses homens para um novo tipo de *servidão*. Essa verdadeira servidão se evidencia nas palavras claras do Seu chamado: “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (1:17). Eles tinham sido pescadores, mas com Jesus pescariam almas de homens. Jesus lhes ensinaria como fazê-lo. Esse treinamento envolveria o mais nobre tipo de servidão.

Aplicando esta parte do chamado a nós, podemos usar apenas as palavras da Grande Comissão proferidas por nosso Senhor:

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mateus 28:19, 20).

“Pescar homens”, para nós, significa, “fazer discípulos de todas as nações”.

Vamos até Jesus, Ele nos equipa para realizar a Sua obra, e então Ele nos envia a outros. Seu chamado envolve vir, tornar-se e ir; requer crer, ser e chamar outros.

Conclusão: Cada ouvinte conhece Jesus à medida que constata os fatos e os aceita. Depois vem o momento mais importante: a hora de decidir tornar-se seu discípulo, Seu seguidor.

Ninguém se torna o que todo ser humano deve se tornar sem se dedicar à realidade de viver na presença de Jesus Cristo. Também é verdade que o discipulado, por sua própria natureza, envolve colocar Jesus em primeiro lugar. Jesus Cristo não deve ocupar apenas o primeiro lugar numa lista. Ele é o primeiro em tudo. Ele é o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último. No entanto, por extensão, Ele é o alfabeto inteiro. Nele consiste toda a nossa existência. Podemos afirmar com Paulo: “Para mim, o viver é Cristo” (Filipenses 1:21a). Paulo não disse: “Para mim, o viver é Cristo em primeiro lugar”. Ele disse: “Para mim, o viver *é Cristo*” (grifo meu). Cristo sempre deve vir antes das pessoas, dos bens e dos privilégios. Ele deve se tornar vida para nós. Devemos nos tornar de Ele e Ele deve se tornar nosso – não quase, nem pela metade, mas totalmente.

A Voz de Jesus (1:21–28)

São muitos os aspectos da personalidade e da vida de Jesus que gostaríamos de ter visto pessoalmente, enquanto Ele esteve aqui na terra. João, na introdução à sua primeira carta (1 João 1:1–3), relatou como os apóstolos ouviram Jesus ensinar, como presenciaram e observaram os Seus atos e as Suas interações com as pessoas, e como O tocaram com suas mãos. Só podemos imaginar vagamente como foram essas experiências. Será que podemos nos imaginar tocando nos ombros ou nas mãos do Filho de Deus? Especialmente, como teria sido realmente ouvir a Sua voz?

Como somos privilegiados por ter acesso às Escrituras, pois elas nos permitem ver e ouvir Jesus, talvez melhor do que poderíamos fazê-lo ao vivo, enquanto Ele esteve na terra! Às vezes nossos olhos nos enganam porque estamos perto demais para enxergar a cena inteira. É sempre difícil conseguir uma boa posição na multidão, sem que a visão, de algum modo, seja prejudicada. Nenhum desses problemas se faz presente quando estudamos as Escrituras. O Espírito Santo nos leva para perto e

nos permite ver o que é realmente importante em cada cena. Além disso, o Espírito nos fornece, na maioria dos casos, algum comentário sobre o que estava se passando e o porquê.

Nesta cena ocorrida na sinagoga de Cafarnaum, vemos uma ação especial de Jesus. Em particular, ouvimos a voz do Senhor de uma maneira única. Enquanto contemplamos esse trecho, temos permissão para analisar a voz do Filho de Deus, percebendo as qualidades divinas nela impressas.

1. Conforme a cena se desenrola, logo observamos que a voz de Jesus era *uma voz de autoridade*. Os ouvintes foram instantaneamente convencidos de uma verdade: “[Jesus] os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (1:22). Os escribas, os professores considerados os melhores estudiosos daqueles dias, citavam um rabino após o outro para atestar seus argumentos. Aparentemente, não demorou muito para os ouvintes na sinagoga reconhecerem que Jesus era diferente. Ele não ponderou com eles qual seria a verdade; simplesmente a declarou. Como professor, Jesus era um ponto de exclamação, e não um ponto de interrogação.

Qualquer um que se arrisque a pregar e ensinar as Escrituras deve ensinar a verdade que Jesus ensinou, ou fracassará em sua tarefa divina. As palavras de Jesus são revestidas de autoridade. Elas não podem ser suavizadas nem elevadas a um nível superior. São a forma final e definitiva da verdade. Devem ser compreendidas, obedecidas e vividas para que tenhamos a vida de Jesus em nós. O mundo carece desesperadamente das palavras decisivas e fiéis de Jesus. No entanto, temos de ter cautela: os professores nem sempre encontram corações abertos quando anunciam a verdade de Jesus. Foi assim com o Filho de Deus, e os servos devem esperar o mesmo tratamento que seu Mestre recebeu.

2. Olhando mais adiante, também notamos que a voz de Jesus era *uma voz de poder*. Jesus ia à sinagoga regularmente, como faziam os homens judeus fiéis. No entanto, nessa ocasião, uma pessoa especial, um endemoninhado, confrontou o Mestre. O texto diz: “Não tardou” (1:23). Isto é, tão logo a verdade foi apresentada ao povo, surgiu oposição. Sempre que a verdade é ensinada, o diabo encontra um meio de desafiar esse ensino.

Um homem na sinagoga possesso de um “espírito imundo” bradou. Marcos frequentemente se refere aos demônios como “espíritos imundos”.

Esse homem estava sob o controle de um espírito maligno. O demônio, usando o corpo do homem como morada, gritou: “Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!” Foi nesse ponto que Jesus repreendeu o espírito imundo, ordenando-lhe que “se calasse e saísse” do homem. Imediatamente, o demônio agitou o homem “violentamente”, “bradou em alta voz” e saiu dele (1:24–26).

Como deixar de notar, nesta altura do texto, o poder da voz de Jesus? Tudo o que Jesus precisou fazer foi dar uma ordem, e esta foi cumprida. O demônio não queria obedecer à instrução de Jesus, mas Ele teve de fazê-lo. Talvez Jesus tenha permitido que ele se debatesse ao deixar o homem para que todos notassem que as palavras de Jesus eram irresistíveis. Essa cena nos remete ao Salmo 33:9: “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir”.

Nada neste mundo é mais forte que as palavras de Jesus. Foram as Suas palavras que no princípio formaram os montes na terra e lançaram os astros no céu noturno. Tendo isso em vista, Jesus disse: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (Mateus 24:35).

3. Outra verdade sobre a voz de Jesus não pode nos escapar: a voz de Jesus era *uma voz de compaixão*. Por que Jesus Se importou com aquele endemoninhado? Por que Ele não prosseguiu ensinando? Um dos motivos é audível nas entrelinhas do texto: o coração de Jesus compadeceu-se do homem que vivia sob essa opressão demoníaca. Não sabemos como a possessão aconteceu – se era por culpa do homem e ele estava sofrendo por algum pecado, ou se ele era apenas um sofredor inocente. Só sabemos que Jesus viu um homem em apuros, e Sua compaixão suscitou a repreensão ao demônio e a cura do homem.

Jesus sempre vai em resgate dos que sofrem. Jesus está do lado dos pobres. Ele não curou todos os enfermos, doentes e endemoninhados que estavam no mundo durante o Seu ministério terreno; mas quando Ele se deparava com eles pelo caminho, Sua voz de compaixão proferia algo em favor deles.

Quem conhece Jesus e vive num relacionamento íntimo com Ele terá “compaixão”. Não podemos andar com Jesus sem permitir que o doce aroma da Sua preocupação com os aflitos se instale em nós.

4. A maneira como Jesus interagiu com o espírito maligno mostra que a Sua voz também era *a voz da verdade*. O demônio sabia quem era Jesus.

Perante Jesus, ele não pôde deixar de dizer: “És é o Santo de Deus!” (1:24c). Obviamente, a declaração do demônio era verdadeira. Sua confissão era uma verdade absoluta. No entanto, se um ladrão de bancos dissesse: “Todos devem agir com integridade e ter uma vida correta”, haveria incoerência na sua fala. Jesus não permitiria que a verdade acerca de Sua identidade fosse estabelecida na mente do povo através de um espírito imundo. Rapidamente, Jesus ordenou: “Cala-te ...” (1:25). A linguagem grega aqui é forte; equivale a: “Cale a boca completamente!” A NTLH diz: “Cale a boca!”.

Jesus estava revelando a Sua autenticidade ao mundo através do Seu ministério. Ele não permitiria que nada manchasse o Seu caráter, a Sua mensagem ou os Seus métodos. Ele só falou a verdade absoluta, manifestou uma personalidade impecável e procurou edificar o Seu reino sobre a integridade celestial. O demônio perdeu a força e Jesus ordenou que ele saísse de cena naquele momento de Seu ministério.

Conclusão: A terra ouviu a voz de Jesus quando Ele esteve aqui em carne e osso, e o mundo nunca mais foi o mesmo desde esse momento. As pessoas da terra testemunharam que a voz de Jesus era uma voz de autoridade, uma voz de poder, uma voz de compaixão e uma voz de verdade.

Hoje, nós ouvimos a voz de Jesus por meio das Escrituras. As palavras do Senhor continuam audíveis a nós, banhadas no Seu sangue e na luz resplandecente da Sua ressurreição. Todos que leem estas palavras são transformados na proporção em que se assemelham à Sua imagem.

Todos ouviremos as palavras de Jesus na hora da ressurreição e do julgamento. Quando Jesus falar nessa ocasião, Ele o fará com autoridade e poder. João escreveu: “Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão” (João 5:28). Para os justos, Sua voz soará com eterna compaixão, dizendo: “Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mateus 25:34). Quando entrarem na eternidade, os remidos habitarão com Aquele que revelou a verdade e viveu personificando essa verdade.

O Que os Milagres Dizem? (1:32–34)

A notícia de como Jesus curou um homem possuído por demônios na sinagoga espalhou-se rapidamente entre o povo da cidade. Tendo desco-

berto onde Jesus passaria aquela noite, as pessoas começaram a fazer planos para levar os doentes e aflitos até Ele a fim de receberem a cura que só Ele podia realizar. Esperaram até o término do sábado, às seis horas daquela noite, para então correr até Ele com seus aflitos.

As pessoas afluíam de todos os cantos da cidade e talvez até das regiões periféricas. Com a ajuda de Cunningham Geikie, podemos imaginar Jesus curando essas pessoas da seguinte maneira:

[Jesus] logo apareceu à porta, diante da multidão agitada. Entranhou-se no meio do povo e pôs-se a ensinar-lhes. Então ordenou: “Cala-te, e sai dele”, e um pobre endemoninhado voltou imediatamente ao seu juízo perfeito. Certo homem coxo desamparado levantou-se ao ouvir as palavras: “Eu te ordeno: levanta-te”. Um paralítico deixou o seu leito ao som da ordem de Jesus: “Toma o teu leito e anda”. Para alguns, Jesus tinha uma palavra de conforto que dissipava o desespero e eliminava a causa secreta da aflição. “Seja feito conforme a tua fé”, disse ele a um centurião. “Filha, vai-te em paz e fica livre do teu mal”, disse ele a uma jovem mulher. “Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados” foi o suficiente para transformar a tristeza e a dor de um jovem em alegria e saúde. Em pouco tempo, Jesus transmitiu a cada um desses uma palavra de misericórdia. Cegos saíam com a visão restaurada; endemoninhados agradeciam a Deus por libertá-los de tamanha opressão; a febre sentiu o brilho do vigor retornar; o mudo gritou seus louvores; e assim a multidão curada foi-se embora, para todas as direções, deixando a casa mais uma vez no silêncio da noite.⁴⁶

Uma das perguntas mais importantes que devemos fazer sobre essa cena é: “O que esses milagres dizem sobre Aquele que os realizou?” Em outras palavras: “Qual é a mensagem desses milagres para nós hoje?”

1. Inequivocamente, esses milagres dizem que Jesus é o *Filho de Deus*. Os milagres respondem diretamente à questão da credibilidade. Sem dúvida, Aquele que curou as pessoas dentre essa multidão que tinha todos os tipos de doenças e problemas não poderia ser outro senão o todo-poderoso Filho de Deus. Quem, senão o Filho de Deus, poderia ministrar às pessoas dessa maneira?

Aquele que realizou essas curas revelou possuir um poder ilimitado. De fato, o poder de Jesus é criativo, restaurador e é o mesmo poder divino que estabeleceu as leis da natureza.

Jesus não recorreu a alguma fonte de energia

⁴⁶ Adaptado de Cunningham Geikie, *The Life and Words of Christ*, vol. 2. Nova York: D. Appleton & Co., 1885, pp. 7–8.

celestial e dali obteve o poder para expelir demônios. Não, Jesus é o poder; o poder é algo intrínseco a Ele. Todo o poder existente emana dEle.

Resta um obstáculo para aceitarmos essa verdade sobre Jesus: a Palavra que nos relata esta cena é confiável? Se for, então não pode haver dúvida de que a divindade de Jesus é declarada pelo registro desses milagres. Essas obras poderosas também deixam claro que Jesus não foi imaginado pela mente de um homem. Nenhum homem ou grupo de homens poderia tê-lo inventado. Ele é o segundo membro da Divindade, e todo poder reside nEle. Ele tem poder para vencer qualquer enfermidade, o mal e até o diabo; Ele é mais poderoso que a vida, a morte e a eternidade.

2. Além disso, esses milagres retratam Jesus como o *Grande Médico*. Esta cena responde nossas indagações sobre a Sua compaixão: Jesus está preocupado com tantas pessoas que sofrem e lutam nesta vida? Ele pode fazer alguma coisa pelos aleijados? Sim!

A mensagem deste episódio de cura declara que ninguém está fora de alcance do Seu cuidado e amor. Alguém disse: “Jesus era interessante para as pessoas porque Ele se interessava por pessoas”. Ele teve compaixão de pessoas que estavam em sofrimento. Seu ministério terreno não permitiu que Ele curasse todas as pessoas com alguma deficiência ou doença, mas permitiu que Ele transmitisse o Seu amor por cada indivíduo. Ele veio para apresentar uma solução espiritual para este mundo pecaminoso, cheio de traumas físicos e morte.

Conta-se que um indivíduo leu o Evangelho de João de uma só vez, sem parar. Era a primeira vez que o lia. Ao terminar de ler o livro, perguntaram-lhe: “O que mais o impressionou?” E o homem rapidamente respondeu: “Foi o fato de que Jesus nunca conheceu uma pessoa que não fosse importante”. Ninguém era sem valor aos olhos de Jesus.

3. À medida que nos aprofundamos nessa cena, os milagres nos transmitem que Jesus é o *Cristo fiel*. Esta série de milagres responde a seguinte pergunta sobre caráter: Que tipo de natureza Ele tem? A essa pergunta, os milagres dão uma resposta retumbante: Ele é o Cristo que não só se importa com os feridos, mas também carrega em Sua natureza a característica divina do Servo sofredor. Ele é o Cristo justo e o Cristo que é sempre fiel ao Seu povo.

Mais uma vez, Jesus se recusou a permitir que demônios dessem testemunho em favor dEle. Mar-

cos relatou: “...também expeliu muitos demônios, não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem ele era” (1:34b). Cristo não iria convencer os outros a respeito de Sua identidade com o testemunho duvidoso de uma fonte que cheirava a falsidade.

Jesus possuía uma qualidade muito difícil de descrever. Nós a percebemos, mas temos dificuldade para explicá-la. Talvez Jonas tenha a descrito com mais precisão: “[Eu] sabia que és Deus clemente, e misericordioso, e tardio em irar-se, e grande em benignidade, e que te arrependes do mal” (Jonas 4:2). Jonas estava descrevendo a natureza de Deus, mas também podemos aplicar suas palavras a Jesus.

As atividades de Jesus na terra refletiram quem Ele é. Ele não decidiu se tornar benevolente; Ele é a mais nobre forma de benevolência. A benevolência não fez parte do Seu caráter; toda verdadeira benevolência flui de quem Jesus é. A natureza de Jesus define a verdadeira benevolência.

Conclusão: Estas breves palavras de Marcos não só nos dizem o que Jesus fez, mas também nos dizem quem Jesus é. A verdade sobre quem é Jesus é anunciada pela boca de um homem, pelo reconhecimento do próprio Deus Pai (pois Ele testemunhou a divindade de Jesus através dos milagres que Ele operou), e pela confirmação do diabo (pois os demônios não puderam experimentar Sua presença sem confessar Sua identidade).

Quem se apresenta diante de nós nesta passagem é, portanto, Jesus: o Filho de Deus, o Grande Médico e o Cristo Fiel. Em vista de tudo o que foi dito, devemos confessar que Ele é o Prometido, Aquele que o Pai enviou à terra para nos redimir deste mundo maligno. Seu ilimitado poder é evidente a qualquer um que olhe para Ele. Se alguém quiser crer, haverá provas suficientes para convencê-lo. Revestido desse tipo de poder, Jesus tem a resposta para qualquer problema que possamos ter. A vida plena e eterna só se acha nEle.

Quando o Sucesso Chega (1:35–39)

A esta altura de Seu ministério, Jesus já tinha atingido o ápice da popularidade no meio do povo da Galileia. No dia anterior, Ele tinha visitado a sinagoga de Cafarnaum e expelido, publicamente, um espírito imundo de um homem. Esse grandioso feito foi como um relâmpago resplandecendo pelo céu: foi instantaneamente anunciado por toda a cidade. Receberam essa notícia com alegria e

começaram a procurar oportunidades para levar doentes e endemoninhados até Ele. Terminado o sábado, foram em grande número com seus parentes e amigos aleijados até a casa onde Jesus estava hospedado, para que os tocassem e os curassem. Esse dia de empolgação transformou-se em um dos dias mais ocupados e produtivos da vida de Jesus. Mesmo sendo longo e cansativo, foi um dia eficaz de ensino e cura. Estavam crendo nEle; ao menos por um tempo, Seu ministério pôde flutuar numa nuvem de aceitação, empolgação e boa recepção.

As circunstâncias que cercaram Jesus durante esse tempo de aclamação levantam uma pergunta prática: “Como Jesus lidou com essa onda de sucesso?” O que Jesus fez nessa situação única tem grandes implicações para nós. Queremos ter sucesso na vida e no trabalho; mas quando ele acontecer, como devemos lidar com isso? Vale a pena observarmos como Jesus reagiu ao sucesso do Seu ministério. A conquista de fama e influência pode mudar a visão de uma pessoa sobre si mesma e sobre sua missão. Qual foi a atitude de Jesus? Como ele encarou o sucesso?

1. A primeira reação de Jesus foi levantar cedo na manhã seguinte e ir a um lugar isolado, a fim de *recorrer à oração*. Marcos 1:35 registra que, “tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava”. Podemos imaginar Jesus se levantando antes do alvorecer do dia. Ele saiu da casa de Simão e caminhou pelas ruas escuras até um lugar fora da cidade. De madrugada, Ele encontrou um local fora da cidade adormecida. Naquela encosta, colina ou rocha com vista para o mar, Ele começou a orar ao Pai, colocando todos os sentimentos e anseios do Seu coração diante dEle. A comunhão que Ele experimentou nesses minutos ou horas é inigualável a qualquer outra comunhão nesta terra.

Aparentemente, quando o ministério de Jesus estava avançando numa direção poderosa, Ele se retirou a fim de falar mais uma vez com o Pai sobre as diferentes dimensões de Sua obra. O que Jesus fez após um dia tão empolgante e cheio de ensino e cura? Buscou a solidão para cercar-se da santa e plena presença do Pai. Jesus não precisava de arrependimento nem de coragem para corrigir um erro pessoal porque Ele não cometia erros. Ele só queria mergulhar na sustentação espiritual que a comunhão com Seu Pai Lhe proporcionaria.

O que Jesus fez nos lembra de novo que a popularidade é uma prova severa para o coração e o

caráter de um homem. Os elogios de um grande público podem habilmente redirecionar a motivação do espírito do indivíduo. Os aplausos de uma multidão podem instantaneamente mudar um homem, cegando-o para os verdadeiros objetivos da vida. A popularidade pode nos dar um poder com o qual não estamos acostumados a lidar. Levar o novo desafio à presença de nosso Pai e deixar que Ele nos ajude a enxergar a nossa situação de uma perspectiva espiritual apropriada é o que deve ser feito, como exemplificou o nosso Salvador nesta ocasião.

2. Jesus teve uma segunda reação ao sucesso e à popularidade. Imediatamente e cheio de determinação, Ele *retornou ao trabalho*. O texto diz que quando Pedro e os outros discípulos O encontraram, Ele lhes disse: “Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali ...” (1:38). Renovado pela orientação do Pai, Jesus focou a mente em outras multidões que precisavam ouvir Sua pregação sobre o reino. Aquele era só o começo do Seu trabalho; com certeza, ainda não havia terminado.

Os discípulos achavam que Ele deveria aproveitar as labaredas do sucesso em Cafarnaum. Sem dúvida, Jesus foi tentado a permanecer ali e deleitar-se com os elogios e aplausos das multidões alegres; mas não era para isso que Ele tinha vindo ao mundo. Movido pelo amor a todas as pessoas, pela largura e profundidade de Sua obra, Ele rapidamente se propôs a ir a outras localidades. Jesus não veio ao mundo para alimentar os famintos e curar os doentes. Ele faria por eles somente o que o tempo Lhe permitisse fazer, mas colocaria a maior ênfase na pregação e no ensino.

Um dos objetivos mais difíceis de se cumprir é manter o que é mais importante em primeiro lugar. A popularidade pode fazer a cabeça de um indivíduo focar na fama. O sucesso pode desviar o coração para o sucesso. Quando alcançarmos o sucesso, vamos retornar ao trabalho.

3. Jesus teve mais uma reação ao sucesso pessoal. Ele decidiu no Seu íntimo *concentrar-se na sua missão*. Jesus não estava pregando só porque gostava de pregar. A pregação era apenas uma parte da Sua missão. Marcos 1:38 registra Jesus dizendo: “Vamos a outros lugares... a fim de que eu pregue também ali, *pois para isso é que eu vim*” (grifo meu).

Nada poderia dissuadir Jesus de Seu foco, de Sua verdadeira missão. O Pai enviara Jesus a este mundo a fim de preparar as pessoas para a che-

gada do reino. Três anos mal seriam suficientes para os preparativos necessários. Jesus não permitiria que a popularidade ou qualquer outra coisa interferisse em Sua missão. Essa determinação Lhe serviria bem e Lhe permitiria dizer na noite de quinta-feira, antes de Sua crucificação: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (João 17:4).

Nunca é demais enfatizar o valor do foco. Pode-se ter a maior missão que o mundo já conheceu; mas se o responsável perde de vista o foco ou permite que ele seja encoberto por outros interesses, a missão acabará indo para a lixeira chamada “O-Que-Poderia-Ter-Sido”. Independentemente do que acontecer – o sucesso ou o fracasso – vamos nos concentrar em nossa missão.

Conclusão: Analisando as reações de Jesus à onda de popularidade que Lhe chegou, devemos perguntar: “O que fazer com o sucesso?” A resposta é simples: “Deixe-o!” Sim, assim como Jesus, devemos “deixar” o sucesso de lado para termos um tempo de oração, um tempo para revisar com Deus qual é a vontade dEle para nós; devemos “deixá-lo” para realizar o trabalho que ainda resta ser feito e devemos “deixá-lo” para reorientarmos a mente no foco da missão que nos foi dada.

Um dos maiores desafios da vida é entender a missão de Jesus e dedicar o coração a abraçar essa missão. Jesus começou e completou a Sua parte. Cabe a nós, retomar o trabalho do ponto que Ele terminou. Os discípulos de Jesus devem ser na terra o Seu corpo espiritual, a Sua igreja, e devem levar a cabo a parte restante do eterno propósito de Deus. O Filho veio para cumprir uma missão perfeita: oferecer salvação a este mundo. Ele cumpriu Sua missão com fidelidade e perfeição. Agora é a nossa vez de servir, conduzir e confortar pessoas. Se tivermos sucesso, vamos orar, retornar ao trabalho e manter o foco na missão de Deus.

Como Se Aproximar de Jesus (1:40–45)

Oculto neste breve relato há um exemplo de como uma pessoa deve se aproximar de Jesus. Marcos descreveu como um homem, cujo nome não é citado no texto, foi até de Jesus rogando por purificação. A conduta desse homem, dada a maneira como ele se aproximou de Jesus, nos fornece uma boa diretriz a seguir quando nos aproximarmos de Cristo. Vejamos o que esse leproso fez quando lançou seu pedido ao único que poderia curá-lo.

1. Ele se *aproximou de Jesus com uma expectativa*

positiva. Não sabemos como ele ficou sabendo de Jesus. Teria ouvido falarem de Jesus em algum lugar? Teria visto Jesus curando pessoas a distância? Algo aconteceu para fazê-lo procurar Jesus com tanta determinação. Assim que teve oportunidade, foi até Jesus com uma expectativa positiva.

Não deveríamos nos apresentar a Cristo com a mesma atitude? Lemos na Bíblia sobre Jesus e sabemos quem Ele é. Nada deveria nos impedir de recorrer a Ele com a melhor das expectativas.

2. Ele se *aproximou de Jesus com reverência*. Ao aproximar-se de Jesus, esse leproso se ajoelhou. Reconhecendo quem era Jesus, ele o adorou. Talvez ele tenha até caído com o rosto em terra perante o Senhor (veja Lucas 17:16). Quando chegar a hora de comparecermos perante Ele, certamente cairemos prostrados diante dEle como fez João em Apocalipse 1.

Ele é o Cristo, o eterno Filho de Deus, e devemos reverenciá-LO assim como fez esse homem. Jesus Cristo deve ser honrado acima de todos os povos da terra. Ele deve ser respeitado acima dos anjos, acima de todos os poderes e de todas as autoridades.

3. Ele se *aproximou de Jesus individualmente*, dando-Lhe uma resposta pessoal. O leproso procurou ter esse encontro sozinho. Ele queria ter a oportunidade especial de estar com Aquele que podia curá-lo. Nada menos que um encontro pessoal e ao vivo com Jesus iria satisfazê-lo.

O mesmo se aplica a nós. Precisamos de um relacionamento pessoal com o Senhor da salvação e não devemos nos satisfazer com menos que isso. Ninguém pode obedecer a Cristo em nosso lugar. Nossos pais nos amam e nos criaram, mas só Jesus pode nos levar para a vida eterna. É necessário que quem se entrega a Cristo faça-o sozinho.

4. Ele se *aproximou de Jesus com seriedade*. A preocupação do leproso não era insignificante. Ele buscou a ajuda do Senhor para sua vida, sua saúde e seu futuro. Se Jesus não o ajudasse, ele cairia em desânimo e desespero. Não nos surpreende que ele tenha implorado ao Senhor que o purificasse. Ali estava alguém que poderia curá-lo, e ele estava decidido a procurá-LO com todo o empenho e seriedade. “Esta pode ser a única oportunidade que terei de Lhe apresentar o meu pedido”, deve ter dito a si mesmo, “e vou aproveitá-la”.

Quando temos a oportunidade de ir até Jesus, devemos ser ávidos por fazê-lo. Devemos levar a sério certos momentos da vida – como quando

estamos prestes a nos casar – e devemos levar a sério a vida eterna, procurando nos unir a Cristo no batismo. É nesse momento que devemos estar prontos para reconhecer que Jesus é nosso Senhor e cumprir a Sua vontade.

5. Ele se *aproximou de Jesus com fé*. Não sabemos quando ele veio a crer no Senhor. Talvez algum tempo antes desse episódio, ele tivesse ouvido Jesus, vindo a crer; isso pode ter acontecido pouco antes que ele fosse até o Senhor.

Nós, porém, sabemos quando passamos a crer em Jesus, não sabemos? Lemos os Relatos do Evangelho e eles geraram fé em nós (veja Romanos 10:17). Esse homem cria que Jesus poderia curá-lo. Nós temos o mesmo tipo de fé. Jesus é o único que pode nos perdoar; sabemos dessa verdade e nela cremos. Também sabemos o que esse homem fez em relação à sua fé. Ele se atirou diante de Jesus com toda a rapidez e vigor. Também precisamos agir de acordo com a nossa fé com esse mesmo ímpeto. Se a nossa fé não for ativa na obediência a Cristo, ela será uma fé morta (Tiago 2:17).

6. Ele se *aproximou de Jesus com submissão*. O leproso não quis apenas falar com Jesus; para ele, aquela era uma hora de agir. Estava determinado a fazer o que quer que Jesus lhe dissesse para fazer. O seu coração estava pronto; a sua mente, decidida.

O que você e eu devemos fazer? Nossa história pode ser semelhante a essa registrada em Marcos. Devemos também olhar para Jesus com fé, com a intenção plena de fazer a Sua vontade. O homem

sobre quem lemos vivia debaixo da lei de Moisés. Nós vivemos na era cristã, debaixo do cristianismo do Novo Testamento. O que devemos fazer? Devemos responder a Jesus com fé, comprometendo-nos ao arrependimento, à confissão de que Jesus é o Cristo e ao batismo ordenado pelo Senhor. Ele ensinou sobre o batismo quando desafiou Nicodemos a nascer de novo da água e do Espírito (João 3:5).

Conclusão: Essa história nos mostra a maneira como devemos nos aproximar de Jesus. O trajeto até o Senhor é marcado por seis palavras: “expectativa”, “reverência”, “individualmente”, “seriedade”, “fé” e “submissão”. Esse homem sofredor, que creu em Jesus, prostrou-se diante dEle e pediu para ser curado. Cristo atendeu ao pedido. Ele sempre atende o coração sincero que está disposto a fazer a Sua vontade. Jesus jamais virará as costas para quem reage a Ele com fé e obediência.

Jesus procura pessoas como esse homem. Lucas 19:10 diz: “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”. O homem descrito nessa narrativa teve a oportunidade de ouvir e obedecer a Jesus; ele não a deixou passar. Daquele encontro em diante, ele deve ter vivido uma vida de fé em Cristo e uma vida de gratidão pelo que Cristo fez por ele. Não sabemos o seu nome, mas Jesus tornou as ações desse homem imortais, inserindo-as nas narrativas de Mateus, Marcos e Lucas. Agora você e eu temos a oportunidade de receber a vida eterna. O que faremos?

Autor: Martel Pace
© A Verdade para Hoje, 2020
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS